

**Ampliando  
Horizontes:**

**Poesia e Ficção**  
ANO 4

**CRÔNICAS  
JORNALÍSTICAS**

José Carlos Fernandes  
Marcio Renato dos Santos  
Victor Augustus Graciotto Silva  
organizadores

**De  
hoje  
em  
dian  
te:**

**crônicas  
imperfeitas  
para dias  
nada  
exemplares**



**Ampliando  
Horizontes:**

**Poesia e Ficção**  
ANO 4

**CRÔNICAS  
JORNALÍSTICAS**

José Carlos Fernandes  
Marcio Renato dos Santos  
Victor Augustus Graciotto Silva  
organizadores

**De  
hoje  
em  
dian  
te:**

**crônicas  
imperfeitas  
para dias  
nada  
exemplares**





Realização:



Máquina de Escrever  
escritura | produção cultural

o Fábulo 

Incentivo:



**Kirsten**  
painéis eletrônicos



**SOFTMARKETING**  
SOLUÇÕES EM COMUNICAÇÃO



Prefeitura de  
**CURITIBA**

Projeto realizado com recursos do programa de apoio, fomento e incentivo à cultura de Curitiba – Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

*Coordenação Pedagógica*

Marcio Renato dos Santos

*Coordenação do Projeto e edição*

Victor Augustus Graciotto Silva

*Produção*

Juliana Cristina Reinhardt

*Realização*

Máquina de Escrever Editora | Produção Cultural

*Ministrante da oficina*

José Carlos Fernandes

*Capa*

Simon Taylor

*Diagramação*

Rafael Kloss

*Revisão*

Cida Grecco

Elys Faria Bittencourt

*Fotografia*

Clara Reinhardt Silva

#### **Dados internacionais de catalogação na publicação**

**A526**

Ampliando Horizontes: poesia e ficção, crônicas jornalísticas, ano 4 / organizado por José Carlos Fernandes; Márcio Renato dos Santos; Victor Augustus Graciotto Silva; ilustração da capa por Simon Taylor.

\_\_\_\_ Curitiba: Máquina de Escrever, 2025.

112 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-96-4

Em sua quarta edição, este projeto que oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção.

1. Crônicas Brasileiras 2. Ficção Brasileira – Paraná. I. Fernandes, José Carlos. II. Santos, Márcio Renato dos. III. Silva, Victor Augustus Graciotto. IV. Taylor, Simon

CDD: 869.9362

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



**Máquina de Escrever**

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil

Fone: (41) 98406-1935

contato@editoramaquinadeescrever.com.br

editoramaquinadeescrever.com.br



José Carlos Fernandes  
Marcio Renato dos Santos  
Victor Augustus Graciotto Silva  
organizadores

# **De hoje em diante: crônicas imperfeitas para dias nada exemplares**

CRÔNICAS JORNALÍSTICAS

1ª edição

Curitiba, 2025



# SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> .....	09
<i>Prefácio - José Carlos Fernandes</i> .....	15
<b>Tomates não têm alma</b>	
<i>Clovis Boguszewski</i> .....	19
<b>O jardim secreto</b>	
<i>Rodrigo Matana</i> .....	21
<b>Millôr <i>is my Lord</i> e nada me faltará</b>	
<i>Sil Maltaca</i> .....	25
<b>Seu Zé</b>	
<i>Ketilyn Castro de Almeida</i> .....	29
<b>O Tolstói da Ucrânia</b>	
<i>Antonio Fontoura</i> .....	31
<b>Bindão</b>	
<i>Adriana Tortato Tadra</i> .....	37
<b>Minha amiga, Marciana</b>	
<i>Lilian Miranda</i> .....	38
<b>Lamenha Lins, 2.500</b>	
<i>David Perez Milani</i> .....	43
<b>Mãe, queria fofocar com você</b>	
<i>Larissa Nicolosi</i> .....	45
<b>A simplicidade dos sonhos de minha mãe</b>	
<i>Arali Padilha</i> .....	49
<b>"Asa Branca"</b>	
<i>Cíntia Silva da Conceição</i> .....	53

<b>Altruísmo</b>	
<i>Maria Fernanda Gonçalves</i> .....	58
<b>O pai indígena da filha iludida</b>	
<i>Sil Maltaca</i> .....	60
<b>Bom te ver vivo</b>	
<i>Lilian Miranda</i> .....	63
<b>Me devo terapia?</b>	
<i>Gesiane do Rocio Fontoura</i> .....	70
<b>Entre ausências e presenças</b>	
<i>Maristela Tobler</i> .....	75
<b>Advogada de Capitu</b>	
<i>Arali Padilha</i> .....	80
<b>A garota do fim do mundo</b>	
<i>Cida Grecco</i> .....	83
<b>“Revanche” é resistência através dos tempos</b>	
<i>Priscila Tobler Murr</i> .....	90
<b>Só vale o Pellanda</b>	
<i>Louize Karoline Lazzarim</i> .....	92
<b>Do gesto à palavra</b>	
<i>Maria Fernanda Gonçalves</i> .....	95
<b>Distraídos venceremos</b>	
<i>Maria Helena Uyeda</i> .....	97
<b>O papa morreu</b>	
<i>Adriana Tortato Tadra</i> .....	100
<i>Posfácio - Fabio Santiago</i> .....	103



# APRESENTAÇÃO

## **TANTAS MÃOS PARA UMA OBRA EM PROGRESSO**

Marcio Renato dos Santos e Victor Augustus Graciotto Silva

“No país em que a ignorância e a falta de recursos para os escritores e ilustradores impera, Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção é um diferencial para artistas na viabilização do sonho de publicar”.

A frase, deste primeiro parágrafo, é de Alice Medeiros, agente de leitura do Memorial Árabe, espaço cultural da prefeitura de Curitiba, localizado no centro da cidade.

Alice enunciou a sentença imediatamente após o encerramento das duas oficinas de poesia do projeto Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção – Ano 4, com atividades realizadas aos sábados, entre março e maio deste ano, no Memorial Árabe.

E o que Alice diz, em alguma medida, define o projeto: Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção, desde a primeira edição, em 2022, oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção: da ideia inicial à escrita, incluindo a interlocução e a mentoria com experientes poetas e prosadores, até o lançamento da obra impressa com os conteúdos desenvolvidos nas oficinas.

E já que estávamos falando do Memorial Árabe, neste ano Juarez Polleto esteve à frente das duas oficinas de poesia do projeto no citado espaço, cada uma com 4 encontros, cada aula com duração de 4 horas.

A respeito dele, Alice fez o seguinte comentário: “Ao professor Juarez Polleto, o meu respeito e admiração: a literatura e a poesia são a sua derme, sua pulsão de vida”.

De fato, Juarez vibra ao falar e destrinchar assuntos, poemas e questões ligadas à literatura e poesia.

Ele quase levitou ao comentar o Romantismo e suas nuances, e também ao declamar e analisar poemas, entre tantas vozes, de Manuel Bandeira, de Alice Ruiz e de Paulo Leminski.

Contagante, a eletricidade do ânimo de Juarez se espalhou pelo Memorial Árabe estimulando os participantes dos dois cursos, tal qual “De vir”, um poema dele:

“A expectativa devora,/revela o medo e encanta./Se já fui, não me apavora,/o que serei me espanta.”

Tão bem demais como as oficinas de Juarez foi o curso de jornalismo ministrado por José Carlos Fernandes.

Nesses tão polarizados anos do século 21, realizamos uma oficina de jornalismo, com moderação, escuta e foco em crônica e perfil.

Pesquisador e professor na UFPR, José Carlos Fernandes, o Zeca, apresentou na Biblioteca Darcy Ribeiro, outro espaço da prefeitura no centro de Curitiba, para privilegiados, aquela performance que só ele é capaz de executar.

Aulas-show?

Mais que isso.

Repertório e compartilhamento de experiência de quem atuou em uma redação de jornal impresso por décadas.

Ele relatou alegrias e bolas divididas, ofertando pensatas de quem abriu caminho como repórter, editor e muito mais: Zeca é autor de 600

inovadoras crônicas publicadas há alguns anos na imprensa brasileira, em um diário que impactava a vida paranaense.

Curitibano do Água Verde, como ele às vezes se apresenta, José Carlos Fernandes prova, com a sua existência, que Curitiba é bacana e gerou um dos mais brilhantes jornalistas e professores desses tempos líquidos: ele, que torna e transforma tudo, como canta Caetano, em odara – alegria luminosa.

Involuntariamente rimando com alegria, vale mencionar a mentoria, que em nosso projeto não é apenas essa palavra tão repetida no zeitgeist, mas prática: Juarez, na poesia, Zeca, no jornalismo e Carlos Machado, que ministrou a oficina de contos em 2025. Todos eles colocaram em ação o acompanhamento sensível, orientando e ampliando horizontes de quem participou dos cursos de Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção – Ano 4.

No Farol das Cidades, no bairro Abranches, outro espaço da prefeitura de Curitiba, Carlos Machado conduziu uma turma com didática inovadora, e também por meio da participação de Luiz Felipe Leprevost, Jonatan Silva e Fabiano Vianna, escritores curitibanos que fizeram intervenções mais do que especiais em alguns dos encontros.

O jornalista e escritor Luan Azevedo participou do curso e aprovou a presença de vozes literárias contemporâneas na oficina:

“Foi bem legal e diversificado”.

O método de Carlos Machado, enfim, também recebeu os aplausos da turma, materializados por meio das palavras de Luan:

“É um excelente escritor e um professor genial”.

A mentoria, uma realidade em nossas oficinas, pode ser exemplificada pela ação de Carlos Machado: ele apresentou teoria e contos, criou dinâmicas, viabilizou leituras dos textos produzidos pelos participantes e sugeriu reconstruções, sempre com a premissa de que

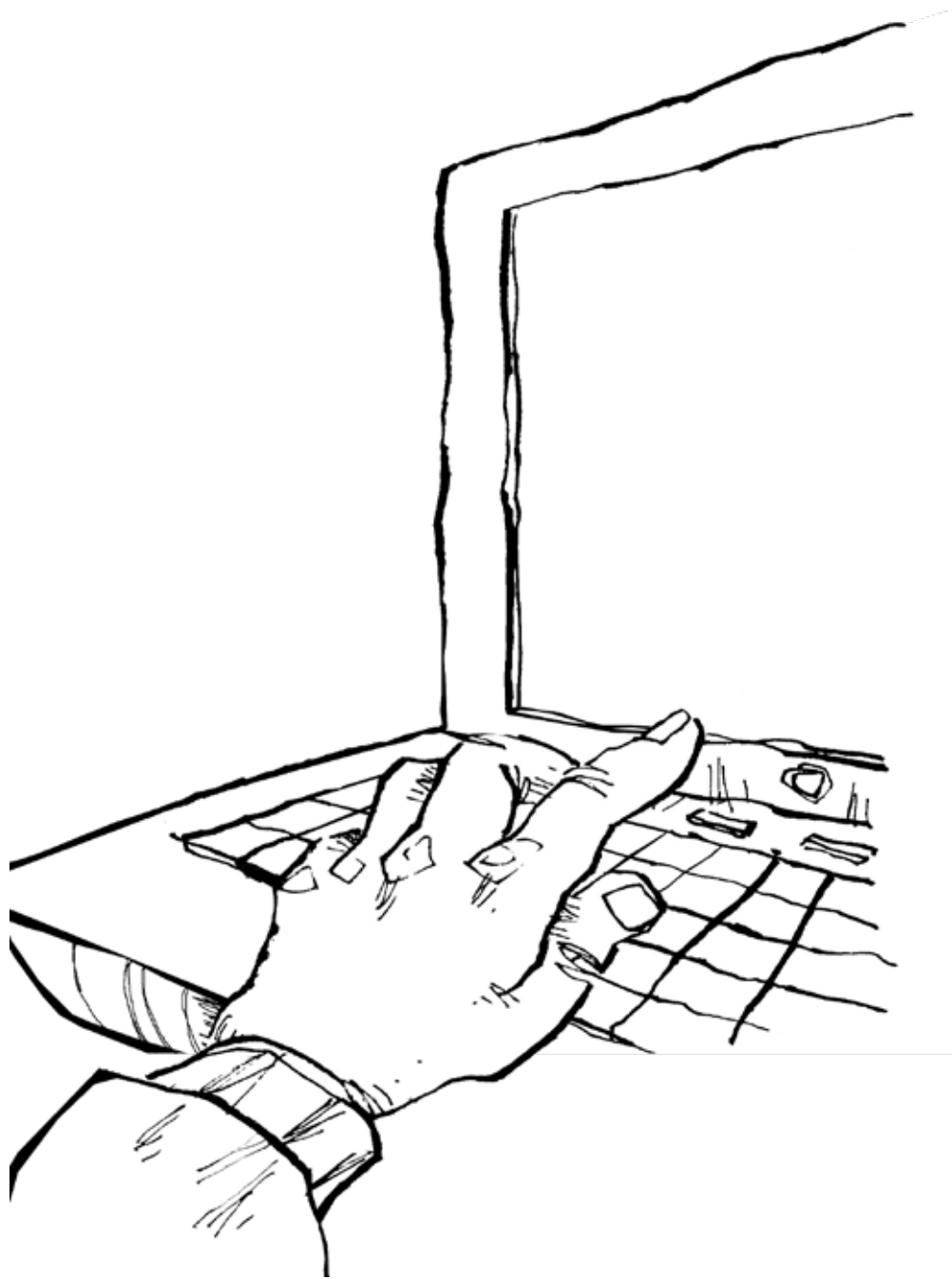
a recomendação pode, ou não, vir a ser aplicada, no caso da oficina em questão, nos contos elaborados pela turma.

Além disso, também há oficinas de Haicai ministrada por Alvaro Posselt e de desenho por Fabiano Vianna, e mostram que literatura é para todas as idades.

E a produção desenvolvida nas oficinas de Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção, antes de chegar nas páginas dos livros impressos que publicamos, como este, que agora você lê, passa, também, pelo olhar e pela supervisão do conselho editorial, formado, nesta edição, por Fabiano Vianna, Fabio Santiago e Rita Cassitas.

Tudo isso só tem sido possível por causa de tantas mãos que seguem, amorosamente, conosco e vamos citar e agradecer: Marianne Torres e Patrícia Wohlke, da Fundação Cultural de Curitiba; empresas que apoiaram e nos apoiam por meio dessa possibilidade de tornar sonho realidade via FCC; Flavia Gasparin, gerente de Bibliotecas e Faróis do Saber da Secretaria da Educação de Curitiba; Prefeitura de Curitiba, por meio do prefeito Eduardo Pimentel e Marino Galvão Júnior, presidente da FCC; Alice Medeiros, agente de leitura no Memorial Árabe; Daniele Lucy Guerra Paulo, agente de leitura no Farol das Cidades, e Tania Maria Severino, bibliotecária no Farol das Cidades; Gesiane do Rocio Fontoura, agente de leitura na Biblioteca Darcy Ribeiro; nossos amigos e colaboradores Simon Taylor, Mario Busato, Rafael Kloss, Cida Grecco, Elys Faria Bittencourt, Clara Reinhardt Silva, Juliana Cristina Reinhardt; e, ainda, todos que participaram de nossas atividades e os nossos ancestrais.

Viva!





# PREFÁCIO

## DURO DE MATAR

**José Carlos Fernandes**

Perdoem a piada boba – “dizem que a crônica está morta, mas juro que não fui eu...” É sabido: decretaram a morte da poesia, do romance, da pintura... A crônica não poderia ficar fora desse obituário. Mas acontece que mesmo moribunda ela continua por aí, fazendo poucas e boas nas ruas em que lhe dão passagem.

Não por acaso [com mais um pedido de perdão, dessa vez pelo trocadilho que emputeceria Gabriel García Márquez], a “anunciada morte da crônica” foi o assunto da oficina que resulta nesta coletânea – *De hoje em diante: crônicas imperfeitas para dias nada exemplares*. Começamos os encontros – sempre aos sábados, 9 horas, no aconchego da Biblioteca Municipal Darcy Ribeiro, no Centro Velho de Curitiba – tratando da finitude de um gênero. E, se me permitem, em vez de um toró de lágrimas, optamos por sambar em cima do caixão. Deu no que deu.

Foi divertido. Ficamos amigos e, como planejado, espalhamos no vento dos 80 metros quadrados da biblioteca os textos que escrevemos. Boa parte dos 23 escritos que formam este livro ganharam leitura em voz alta, para ver se cairiam bem aos ouvidos. Deixo registrado que tivemos duas madrinhas – entre tantos autores citados e lidos durante

o aquecimento: Eliane Brum, por seu engenhoso *Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras*; e a Nobel de literatura Annie Ernaux, pelo obrigatório *A escrita como faca e outros textos*. Brum e Ernaux estavam ali para dizer que escrever exige coragem – e também cara de pau –; e para alertar que a bravura literária não salvaria a ninguém, nem mesmo à crônica. Era pagar para ver. Foi o que fizemos.

Não estava programado, mas como o leitor há de perceber, a morte e os mortos se impuseram a um gênero dado às amenidades do cotidiano. Talvez seja essa uma imposição da crônica em tempos de tanta pressa, quando o término do expediente parece cada vez mais próximo. É sempre faca no peito, coração na boca, que é que aguenta? E discordo que a ansiedade máxima seja um problema dos mais velhos, embananados com a IA. Olhe - parte do nosso grupo de aprendizes de crônica era do tempo do iê-iê-iê, mas a maioria dos oficineiros, me perdoem, ainda cheirava a leite. A crueldade das horas do relógio atinge a todos e talvez, sempre talvez, impôs-se a urgência em falar dos que foram tragados pelos dias. Com humor e dor.

Começamos chorando de rir pelas galinhas mortas num quintal italiano da capital – resgatadas pela memória de Clovis Boguszewski; choramos no correr do curso a morte súbita de Alessandra, a mãe de nossa amiga Larissa Nicolosi, nome cuja presença nessa edição desafia os assopros nas feridas que costumam ser a especialidade dos cronistas. Pois é, fizemos exéquias para vizinhas – como a Marciana, a nós apresentada por Lilian Miranda; para o tio Bindão – que habita cada um de nós –, desenhado por Adriana Tortato Tadra; entramos na casa em desmanche da avó de David Perez Miranda.

Das lembranças de pais, mães, parentes e vizinhos (não deixem de conhecer a Antônia, personagem de Cíntia da Silva Conceição) aterrissamos em terras da adolescência – a crônica do Luís Henrique Pellanda lida na escola da Louize Lazzarim; as lições de uma viagem

a uma fazenda de Jacarezinho pintada pelos olhos verdes de Maria Fernanda Gonçalves; entramos na dança das peraltices de Sil Maltaca – nas aulas mesmo com o pé quebrado. Aplaudimos Gesiane Fontoura – com prosa desabrida, abençoada por Ernaux. Brindamos os amigos que valem uma vida, em uma crônica de alma esparramada dedicada à atriz, pesquisadora e mais uma pá de qualidades chamada Maurini de Souza. Perdoem-me os não citados. O mundo medido por caracteres é um verdadeiro chefe de RH.

Feitas todas as curvas ordenadas pelo GPS, rumo ao passado e aos moradores dos nossos corações, subimos no ônibus errado com o multiartista Claudio Seto – debaixo da prosa de Maria Helena Uyeda, biógrafa oficial de nosso samurai. O “distraídos venceremos” do Paulo Leminski bem poderia constar da Bandeira Nacional. Chegamos ao destino com uma menção deliciosa ao papa Francisco, morto em 21 de abril, bem no meio dos nossos trabalhos de sábado. Suspeito que ele fez de propósito, só para a gente lembrar que ele disse que cachorros vão para o céu, para alegria do Clovis, entre outras sensacionais palavras reveladas que desafiam o Deus cruel das Escrituras. Com sua prosa desarmada, Francisco abençoou – sem saber – o espírito da crônica, gênero difícil de morrer e de matar. É nisso que a gente acredita.



# TOMATES NÃO TÊM ALMA

Clovis Boguszewski

Novembro de 1972, Alto da Colina do Bairro São Francisco (como diria o Greca). Eu morava na casa 1.197, da Rua Inácio Lustoza, desde meu nascimento, em 11 de março de 1960, mesmo dia e mês do nascimento de meu pai, que nessa data completou 33 anos. A casa de meus avós maternos ficava na mesma rua, uma casa abaixo, número 1.097. Passei a infância entre uma casa e outra, eternos endereços da minha história.

Minha avó chamava-se Herminia. Recebeu esse nome por ser uma condição de sua madrinha de batismo, Herminia Romani. Era filha de imigrantes italianos, nasceu e se criou no bairro da Água Verde, pertinho de onde se encontra a Capelinha, obra de sua tia Maria Cunico e do marido Sebastiano Moletta. Depois de casada, mudou-se com a família para longe, no alto do São Francisco, perto da “Caixa D’água”, como dizia ela.

Nessa época, era comum as famílias dessa região receberem a visita das mulheres de Santa Felicidade, que vinham de carroça para vender lenha e verduras, e eram nessas ocasiões que poucas vezes minha avó soltava a língua em italiano.

Um dia, perguntei a ela por que não ensinou italiano para minha mãe e meus tios, e ela sem pestanejar respondeu: “Não se cospe no prato que se come”. Sempre gostei do jeito dela, mulher sem rodeios e uma italiana 100% brasileira.

Na casa dos meus avós, diferente de onde eu morava, havia nos fundos um grande jardim com flores, parreira e horta e também um galinheiro. Passei grande parte da minha infância nesse “paraíso” na companhia dela, que diariamente dedicava atenção ao jardim e suas galinhas.

Nessa época em Curitiba, ainda era costume e também permitido, que as casas tivessem espaços reservados para galinheiros. Era comum acordar e ouvir o canto dos galos da redondeza. Às vezes, com sua autorização, apanhava ovos quentinhos recém-deixados nos ninhos. Sentia-me em paz nesse ambiente, cercado por aquela natureza, onde passei a considerar as galinhas como bichos de estimação.

No final desse citado mês de novembro, minha avó completou 74 anos e para a comemoração resolveram incluir no cardápio um empadão de frango. Na minha inocência e graças aos cuidados tomados por ela, nunca tinha percebido que aquele galinheiro não existia só para alegrar e fornecer ovos, mas também para a produção dos renomeados frangos.

No dia da festa, minha avó, minha mãe e outras parentes, por estarem ocupadas na organização do aniversário, encarregaram uma senhora que trabalhava em nossa casa para fazer o serviço de conversão de galinha em frango. Minha curiosidade me levou até o local dessa “cirurgia” inesperada que acompanhei através da tela do galinheiro.

Parado, acompanhava tudo sem acreditar no que estava acontecendo. Por que aquilo? A agonia e o sofrimento daquela galinha me traumatizaram e mudaram para sempre minha visão do que se coloca num prato e para dentro de si mesmo. Naquele aniversário, não podia ver aquele empadão sem ver uma das minhas galinhas mortas ali dentro. Seguiram-se os dias, meses e os anos e graças aos meus pais, que desde cedo respeitaram minha decisão, nunca mais me alimentei de aves, animais e nem peixes. Tornei-me, sem saber, num simples denominado complicado ovolactovegetariano.

Segui a vida sem dietas especiais e conforme os anos se passaram, me acostumei a calar diante de incompreensões e responder a muitos questionamentos. E quando me é permitido, observo para o principal deles: concordo, um tomate muitas vezes é menos saudável que um bife, mas não é essa minha questão; tomates não têm alma.

# O JARDIM SECRETO

Rodrigo Matana

Existe um portal mágico no Prado Velho. Chegamos até o Colégio Estadual Manoel Ribas, onde me encontro diante da cerca de tela que faz fina fronteira entre a escola e a Pontifícia Universidade Católica. Tudo nos limites da Vila Torres, uma periferia atrevida que ocupa o centro da capital da propaganda. Antes de entrarmos, o anfitrião nos apresenta o primeiro dos portais mágicos. Davi Brito da Silva usa uma fedora bege de aba curta e pisa em botas militares. Um brinco prateado na orelha. É o professor. Ele fala sempre sorrindo, mas nunca vi alguém levar o que diz tão a sério. Trouxe o sotaque do sul da Bahia e diz querer encher de flores aquela cerca de tela metálica, ainda nua e atravessada pelo vento gelado de junho. Tumbérgias, de preferência. Ele não sabe qual é o melhor ou pior dos mundos: o que vem antes ou o que vem depois do portal mágico.

Exploramos o interior do colégio. Davi quer colocar livros por todos lados, em todos os cantos. Os livros deveriam estar em todo lugar. “Eu sonho com uma escola em que cada lugar é bibliotecário”. Ele quer que os livros estejam o tempo todo no meio da gente, como personagens. O livro como algo ordinário, do dia a dia, cotidiano.

Uma galinha gigante repousa no último andar do colégio: é o busto de Madame Bovary. Há um cheiro de ansiedade no ar enquanto não chegamos ao muito falado jardim secreto. Não aquele do condado de Yorkshire, na Inglaterra. Esse é o jardim secreto da Vila Torres, na Curitiba invisível. Lá – o professor promete – tudo é diferente. O ar, a terra, a mente. Os alunos mais novos chegam à escola no sexto ano do ensino fundamental, quando deixam a rede municipal. Esses novos

aventureiros vão direto para o jardim, quase um ritual de passagem. Para Davi, os recém-chegados precisam encontrar logo de cara um professor de português com traquejo literário. “Senão eles travam ali”, adverte.

Estamos do lado de fora das muralhas do jardim. Davi aponta para o chão e pergunta: “Que livros você vê?”. Não entendo. Ele se abaixa e repete a pergunta, enquanto ainda tento entender. Aponta para uma espada-de-São-Jorge. Depois para o picão, abóbora, pimentão, beterraba. Aí, arranca uma folha de manjerição, me entrega e pede para que eu sinta o cheiro. “Manjerição, que dá um cheirão gostoso na mão. Rima. É a biblioteca”. Um passo para o lado e o mestre pinça uma flor de capuchinha, muito amarela, e mostra a quem quiser ver. Acho bonita. Sem aviso, o professor manda a flor para dentro. Come, mesmo. E zomba da minha surpresa. “Essa biblioteca pede de você muito mais do que o silêncio. Ela quer o seu cheiro, o seu abraço, a sua mordida”. Depois, é muito simples: você transforma em poesia e põe no papel.

Agora, sim, vamos passar pelo segundo portal, esse já coberto pelo lilás das tumbérgias, que dá entrada à parte realmente secreta do jardim. É o mundo novo. As muretas se escondem debaixo das flores. Uma portinha de madeira surrada abre alas. Babosas no chão. Pés de mamão e muitos mamões nos observam pelos cantos. A vegetação cresce livre e desorganizada, mas nos cede caminho durante a visita. O jardim é, antes de qualquer outra coisa, muito verde. Por todo lado, baldes de plástico voltam à ativa e acolhem qualquer semente. Dentro de quatro paredes sem reboco, estamos na floresta. “Fazer com que isso continue existindo é um afago na comunidade”, garante o professor.

Mas as plantas não são as únicas habitantes do jardim secreto. Não temos permissão de permanecer ou deixar aquele mundo antes de conhecermos Catulo da Paixão, que abandona seu ninho de poesia e desfila para fora do galinheiro. É um galo de postura.

Davi nos apresenta e o introduz como um poeta da antiguidade clássica. A crista arrebitada e as penas douradas convencem sobre sua importância. Não demora a conhecermos outro cidadão do jardim secreto: Dom Quixote, muito bem perdido em qualquer devaneio mais interessante do que nossa presença. Quem também não dá muita atenção à ocasião é Madame Bovary, em carne e penas, empoleirada no realismo romântico. A verdade é que, naquele momento, o jardim secreto esperava por uma visita muito mais importante do que a nossa: a turma do sexto ano.

Há dez anos, o professor começou a plantar uma floresta no colégio Manoel Ribas: o Bosque da Língua Portuguesa. Ali está um refúgio para muitas crianças e adolescentes da região. A violência é parte do cotidiano da maioria delas. Nem todos os estudantes que passaram pela escola e ajudaram o professor a semear o bosque podem ver, hoje, os frutos do pé de abacate ou o cacho cheio da bananeira. Alguns perderam essa oportunidade para sempre. Reunidos ali, os estudantes do sexto ano conversam sobre jovens vitimados pela violência. Todo mundo conhece uma história. Renan, Rodrigo, Fernandinho. Matusalém. Dezesseis, 18, 20 anos. Cercado por meninos e meninas, o professor alerta que, para ver a floresta crescer e o abacateiro dar frutos, eles precisam continuar vivos. Vivos por muito tempo. Nem todos comerão os abacates do Manoel Ribas.

No Jardim Secreto, os alunos sentem cheiro de cachoeira. Dizem que, ali naquele mundo particular, sentem calma, tranquilidade. Alguns sentem mosquitos. Mas as crianças não chegam ao jardim já encantadas pela magia do lugar. Muitas trazem de casa e das ruas a violência, as dores, os maus tratos, os abandonos. Professor Davi é crente de que a literatura pode trazer outros mundos, outra vida, talvez melhor, a essas crianças. Mas elas precisam

sujar as mãos. “A literatura, para mim, é como um vagalume. Um dia, eu prendi um num pote e percebi que ele morreu. Por isso, não dá para prender a literatura só em livros. Ela precisa estar solta, piscando em cada canto”. Depois do banho de floresta, a turma volta à sala de aula. Os cadernos abrem e a vida continua do lado de fora do Jardim Secreto.

Que o mundo não apague a luz de nenhum desses vagalumes.

# **MILLÔR IS MY LORD E NADA ME FALTARÁ**

Sil Maltaca

O mundo sem Millôr ficou pior. Pelo menos o meu ficou.

Às vezes me pego pensando: o que o seu Milton – que ganhou fama quando se aproveitou da falha do cartorário e alterou seu nome para Millôr – diria do Brasil e do cenário mundial dos tempos de hoje? O que estaria ilustrando? Que sacada sagaz ele magicamente retiraria de sua cachola mágica sobre os últimos anos, se tivesse alcançado os cem anos? Estaria plácido, cansado e sereno – que a sabedoria, ou o peso dos anos trazem – ou com um olhar moleque e sorrateiro de garoto de Ipanema, ainda mais afiado e irônico?

Quando alguém que admirei durante a vida morre, tenho a sensação de que uma parte de mim se vai. A cada perda, me sinto mais parecida com queijo suíço, cheia de buracos. Quando o escritor Millôr Fernandes morreu, abriu uma cratera, que tirou o chão debaixo dos meus pés e me fez cair na real: o tempo estava passando rápido demais e o mundo que me compunha – e que parecia eterno – estava deixando de existir. Na correria dos dias, deixei de lado a vontade de estabelecer algum contato e me entristeci, porque cheguei a ensaiar uma tentativa de iniciar uma conversa com Millôr. Queria ter trocado uma ideia qualquer com ele, gravado uma entrevista, ter produzido um documentário. Ou, quem sabe, na melhor das hipóteses, jogar um frescobol na praia... E enquanto estivéssemos jogando, ele contaria como inventou esta modalidade e que caiu no gosto do povo... Nunca aconteceu.

Eu gostava do Millôr desde pequena e fui uma criança de hábitos e pensamentos peculiares. Ouvia Elis Regina escondida — vai que alguém

descobre que eu gostava de música de adulto? Chorei copiosamente quando anunciaram na televisão a morte de Tancredo Neves e eu nem sabia quem era, mas achei muito triste falarem em tom tão formal que alguém tinha morrido na televisão. Eu tinha medo do velho do saco, da Arlete Hillu e do Figueiredo – sim, o último ditador militar – porque ouvi minha mãe falando para meu irmão mais velho – que já estava na faculdade nessa época, enquanto eu ainda nem tinha pisado na escola – que era pra ele se cuidar, que o Figueiredo podia pegá-lo e levá-lo embora. Nos meus pensamentos, acreditava que era o professor dele, que estaria de implicância com o jovem universitário.

E me perguntava: “Ué, mas não é bom gostar de livros?”.

Entre os livros subversivos que meu irmão trouxe escondido para casa, tinha um que eu gostava muito: tinha letras coloridas, uma flor mal desenhada que eu conseguia reproduzir e um montão de desenhos. Mais tarde quando aprendi a ler, era um dos meus preferidos. Chamava-se *Papáverum Millôr*. O livro também não era dos mais contundentes, mas estava entre outros que meu irmão carregava. Não me recordo se era nessa obra ou em outros livros, mas lembro da “Poesia Matemática”, que inclusive foi um incentivo para que gostasse de cálculos e de geometria...

Mas o texto que mais adorava do Millôr não estava neste livro. Foi um que li em um livro didático da escola: “A morte da tartaruga”. Arranquei a página, um ato deplorável, motivada pela fixação da escrita genial que tinha me apaixonado. Dobrei a folha e coloquei embaixo do travesseiro para nunca esquecer da história. O menino chora porque a tartaruga de estimação morreu. O pai, tentando consolar o pobre piá, propõe um funeral digno, com cortejo, reunião de amigos, velinhas e um bolo. O garoto se anima. De repente, a tartaruga se mexe. O pai comemora, afinal não seria mais necessário fazer o funeral. Mas o menino, pega uma pedra e diz: “Eu mato ela”.

Eu ria sozinha, relia várias vezes. Ainda está em mim a imagem do quintal com uma árvore frondosa onde a tartaruga seria enterrada com pompa e circunstância. E a cara de estarecido do pai com a reação do menino.

Levou um tempo para eu descobrir que o autor do texto era o mesmo do livro que meu irmão tinha trazido para casa. E tudo fez sentido. Uma metáfora inconsciente que envolveu Millôr em uma trama do caos da minha mente... Assim como ele, também me tornei jornalista. Na faculdade, montei um jornal com uns amigos, o nosso pasquim, que se chamava *O Elefante*, que me remete a minha tentativa frustrada na infância de tentar roubar um elefante no circo. E chegamos aos dias atuais, quando fiquei sabendo que Millôr Fernandes escreveu uma peça de teatro para o Teatro de Comédia do Paraná, que estreou no Guairinha na década de 60, chamada *Um Elefante no caos*.

Trabalhando nos bastidores do teatro, gosto de pensar que em algum momento Millôr esteve lá pelas coxias, acompanhando os ensaios e dando palpites ao Claudio Correia e Castro, que sugeriu o texto e foi diretor da peça. Millôr teria chegado num avião DC-3, perambulando pela cidade, que ainda na década de 60 no século passado teria grandes alagadiços pantanosos, contrastando com canteiros de obras que se esparramavam entre os velhos casarios do centro da cidade. Ainda não existia nesta época o Centro Cívico: era mato de um lado e canteiros de obras do outro. Observando esse cenário, Millôr chegaria à conclusão de que “*ritiba*” vem mesmo do tupi guarani e que significa *do mundo*. Uma piada que está longe de perder a graça... Seriam apenas coincidências? Acasos não existem.

Tentei falar com Millôr por e-mail. Insisti, até ele responder. Guardo até hoje a mensagem, na qual aproveitei para convidá-lo para participar de um programa de entrevistas na TV Educativa, onde trabalhei. E

ele, com a contumaz ironia, respondeu: “Nem que morresse virgem. Boa sorte para você e um abraço do Millôr.”

Creio que ele não morreu virgem, mas morreu genial, embora renegasse o brilhantismo e justificasse seu trabalho com a obsessão de se divertir. Tal qual o piá que se entusiasmou com o funeral da tartaruga. Millôr era um ser livre: não acreditava em ideologias, mas na liberdade de pensamento. Considerado subversivo demais para conservadores e reacionário demais para alguns ditos progressistas. Fez jus à frase que fecha a moral da história da morte tartaruga:

O IMPORTANTE NÃO É A MORTE, É O QUE ELA NOS TIRA.

# SEU ZÉ

Ketilyn Castro de Almeida

Lembro de tocar sua mão sem querer. Ela parecia de plástico, sem responder ao meu toque. E digo sem querer pelo esbarrar desastrado, mas principalmente, porque não queria estar ali.

Uma prima disse: “Você vai se arrepender se não ver ele pela última vez.”

Eu não me arrependeria. Mas ela entrou na sala e eu como numa brincadeira de siga o mestre, fui atrás. Uma vez ali dentro, foi impossível não dar uma conferida no centro do ambiente, o foco de tantos olhares. Mas a pouca altura não me deixou enxergar muito além da madeira de um tom avermelhado e um véu fino, que parecia com aqueles que se penduravam em volta do berço.

Minha curiosidade me levou para mais perto e foi aí que encostei em sua mão. No mesmo instante, puxei a minha, o mais rápido que pude, e fiz um grunhido de susto. Só não sei se em voz alta ou se ficou preso na garganta.

Os poucos velórios que presenciei na minha família foram durante a infância e se misturam com as lembranças de confraternizações. É claro, lembro de ver o choro, da minha mãe e da minha vó, mas de resto, pareciam com aniversários. Parentes de longe vinham por causa de uma pessoa. A casa da minha vó tinha mala e colchão por todo canto. Pessoas se reuniam em um mesmo lugar, a mesa era farta e tinha tanta criança para brincar.

Tanto que no dia do enterro do Seu Zé, além do fatídico toque na mão, minha lembrança mais forte é de brincar na Kombi branca da tia. Mas se for para lembrar dele, do Seu Zé, eu sempre terei Laguna.

Possivelmente, apenas eu tenha memórias boas dessa viagem. A versão do meu pai é muito menos cor-de-rosa, mas vou colocar na conta da infância ou do Seu Zé que não está mais aqui para se defender.

Um dia, em Laguna, meus pais foram ao mercado e eu fiquei com ele. Isso era raro. Ele era de confiança, mas tudo podia mudar em poucos minutos e muitos goles.

Ele me chamou para dar uma volta. Eu vacilei na resposta. Ele percebeu e emendou: “Não confia no vô?”. Não parecia o tipo de pergunta que se pode responder “não” na lata, ainda mais na lata de um senhor de idade.

Tenho nítida a visão de nós dois caminhando por uma rua de areia e pedrinhas, dessas de litoral. Às vezes, é tão nítida que até parece inventada. Ele não entrelaçou a mão na minha, mas acompanhava meus passos pequenos com atenção e cuidado.

Chegamos na beira de um rio. Meu avô cumprimentou um senhor que aguardava na margem, dentro de um pequeno barco. Lembro de pensar que eles eram amigos. Seu Zé perguntou se ele podia nos levar até o outro lado do rio, o senhor concordou. Achei que esse era o trabalho dele, atravessar pessoas para o outro lado.

Entrei no barco com cuidado, uma mão me dando apoio. O senhor usou os dois remos para nos dar impulso e o Seu Zé já acomodado, olhava para o horizonte.

Esse é o meu retrato de calmaria. O rio que eu não sei o nome, meu avô olhando para o nada, o barulho leve do remo rompendo a água e o sol forte iluminando tudo.

Depois desse momento, minha lembrança apaga. Não sei para onde fomos, nem se chegamos do outro lado da margem. Como se só caminho importasse.

Prometi que só escreveria sobre ele quando voltasse a Laguna. E assim o fiz. Porém nessa volta, não encontrei o rio da minha lembrança, nem o lugar com cara de interior. Mas o triste mesmo foi não encontrar o Seu Zé.

# O TOLSTÓI DA UCRÂNIA

Antonio Fontoura

Na periferia do Cemitério Municipal de Curitiba, um túmulo completamente sem adornos. O bloco cinza bruto sem fotos, sem frases a protestar saudades, sem metais a atrair drogaditos, destaca-se como um deserto cercado por oásis de jazigos decorados com azulejos de banheiro. A lápide solta nos informa sobre Ossep Stefanovetch Schpetko, nascido em 1869 e morto em 1942. Mas a desolação é enganosa. Ao contrário de seus vizinhos atuais e futuros, muitos há décadas buscam por ele.

“Onde hei de dormir meu sono eterno? Não sei. Desejo apenas fugir para o mais longe possível”. Talvez frustrando suas próprias palavras, o mais longe que Ossep conseguiu alcançar foi Curitiba, após chegar ao Brasil em 1912, percorrendo trajetória semelhante a de milhares de compatriotas ucranianos. Viveu no anonimato quase toda sua vida brasileira, com exceção de breves aventuras que o tornaram notícia, até ser abandonado na rua 65, quadra 101, do Cemitério São Francisco de Paula.

Trajetória que contrasta com sua primeira vida na Ucrânia, onde fora o “Primeiro Boêmio da Galícia”, autor de algum renome nos círculos modernistas. Membro da corrente Jovem Musa, publicou, além de poemas, “Aberração”, romance de inspiração autobiográfica e sua obra mais conhecida. Intelectual engajado e brigão – “Quem não tremeu diante de sua língua, e mais ainda diante de seus punhos?”, relembrava um amigo – fundou seis jornais, dirigindo três ao mesmo tempo. Tendo fugido, acabou esquecido por décadas em sua terra natal, especialmente pela fratura de sua biografia. Desde o final do

século 20, acadêmicos ucranianos interessados em recuperar sua obra desconheciam as últimas três décadas de sua vida: coletâneas ignoravam o local e a data de seu falecimento, e biografias se calavam sobre seus últimos anos no Brasil. Sabiam apenas que Ossep teria “desaparecido em algum lugar das florestas brasileiras, embora ainda ali permanecesse escritor”, como resumiu um crítico de forma sutilmente racista.

“O meu mais escasso *curriculum vitae* seria uma história de ‘Mil e uma noites’, ou melhor, ‘Mil e uma histórias’, todas elas riquíssimas e abundantíssimas em aventuras, golpes e sofrimentos”. Já escrevendo em português, seus artigos no *Correio da Manhã*, do Rio, exageravam nos superlativos, especialmente ao falar de si mesmo. E ele falava muitíssimo sobre si mesmo. E é assim que descobrimos que sua reencarnação brasileira se iniciou em Porto Alegre, onde chegou a pé, sozinho, vindo do Uruguai. Refugiou-se em um cemitério, “numa cripta, entre os restos mortais de uma nobre família polaca. Ali dormi um inverno inteiro.” Com apoio da academia de letras local, chegou a Curitiba.

Arranjava-se como gerente de orquestra e jogador de bilhar quando reencontrou, no início dos anos 1920, um velho companheiro da boemia da Galícia, o poeta viajante Petro Karmanskyi. Anos depois, Karmanskyi o lembraria como alguém inquieto: dizia-se envolvido com “uma grã-duquesa russa que milagrosamente escapou do paraíso bolchevique” e afirmava liderar “a organização anarquista ‘Máscara Negra’ de trabalhadores ucranianos locais”.

Seria, porém, no Rio de Janeiro que Ossep passaria a maior parte desta sua segunda vida. Foi onde conviveu com José Oiticica, pensador anarquista e “seu último amigo”. Foi Oiticica quem lhe conseguiu um trabalho pouco estável e mal remunerado como articulista em jornais da cidade. Ossep agradeceu, tornando-se violinista do Renovação, um projeto artístico anarquista, além de atuar na Liga Anticlerical.

Oiticica, por sua vez, traduzia poemas e incentivava as novas ambições literárias do amigo ucraniano.

*No tûmulo da vida* foi o alegre título escolhido por Ossep para um livro de contos publicado em 1929 com ajuda de amigos, mas que o frustrou imensamente. Não tendo vendido nem dez por cento dos exemplares da edição e arrasado com seu fracasso, tomou a decisão de destruir os livros restantes em pleno centro do Rio: “Queimei parte da minha alma! Assassinei-a com um fosforozi-nho!” E, enquanto animadas crianças alimentavam a fogueira com sua obra, desabafou: “O meu lance foi o de um idealista noviço que procurava, num gesto extravagante e violento, um resfôlego para a sua alma dolorida”.

Com pouco trabalho e sem reconhecimento, suas duas décadas no Rio foram de extrema pobreza. A ajuda de amigos escasseava. Passou a viver em Niterói, no meio de uma plantação, em uma casa abandonada. Caminhava horas quando precisava ir ao centro do Rio, pois “não possuía dois tostões para tomar o bonde”. Tornou-se atração: com a barba que lhe alcançava o peito, perambulava com seu cachorro Bobo (“Chamei-o assim, desde o primeiro dia. Quem passa fome, como nós, é herói ou bobo”), vendendo gravatas e procurando trabalho em diferentes redações. A semelhança física com Tolstói chamou a atenção da revista *O Malho* – “Sou um simples miserável. Conquanto leve em mim um pouco de Tolstói” – e do jornal *A Noite*, que o fotografou à porta da redação: “Um intelectual engraxate”, dizia a legenda.

“Eu sou a ruína de Ossep Stefanovetch: um miserável, um réprobo, um ser desprezível”. Em finais dos anos 30, Ossep se envergonhava do que restava do antigo escritor ucraniano. Porém, jamais imaginaria que, à sua revelia, reencarnaria anos depois no corpo fictício de “Ossep Stefanovitch, ator conhecido por sua

atuação em peças teatrais libertárias”, como rememorava Moacyr Scliar; ou como o “anarquista natural da Ucrânia conhecido no Brasil por sua atuação cultural no teatro e na música”, como retratado em uma tese de história. Fundada em migalhas de evidências, e extrapolando sua breve passagem pelo Renovação, difundiu-se em livros de ciência política a mitológica biografia de um Ossep que jamais fora poeta ou romancista. Sem qualquer passado, tornou-se argila moldada à imagem de um influente subversivo: “que movimento conseguiu produzir um ‘engraxate e intelectual’ como Ossep Stefanovetch, ucraniano anarquista que viveu no Brasil?” A pergunta retórica do manual de história política mal esconde o desejo por seu *Ecce homo*.

Trata-se de curiosa hagiografia, pois Ossep foi, se tanto – e quando muito, e no máximo, e olhe lá –, um anarquista não praticante. Preferia deixar o Brasil de jangada a confrontar a lei dos estrangeiros: “Não chegarei muito longe: mas estarei fora do Brasil e dentro da lei”. Para além de banalidades como se dizer defensor “do que é belo, justo e humano”, raramente discutia política em seus textos. E nas poucas vezes que o fez, homenageou Vargas e seus aliados. Ao cavoucar recursos, declarou que o inventor Plínio Casado era o “melhor dos homens” e “digno de que se lhe beije os pés! E beijaria”. Talentoso escritor que fosse, sua personalidade equivalia a de um pote vazio a ser preenchido pelas expectativas alheias. Varguista, libertário, capitalista, anarquista e cidadão exemplar: havia tantos Osseps quanto houvesse interlocutores, especialmente quando buscava causar algum tipo preciso de impressão. Mas, ao compararmos narrativas e cruzarmos fontes, encontraremos um literato que gritava lobo, cujas fabulosas histórias sem dúvida encantavam e criavam empatia. Mas que os documentos frequentemente desmentem.

Sim, ele foi escritor de destaque da corrente literária Jovem Musa e uma espécie de Oswald de Andrade ucraniano. Porém, jamais fundou qualquer jornal, ou atravessou o Uruguai andando. Nunca dormiu em um cemitério, namorou uma grã-duquesa ou queimou os próprios livros. Seu romance autobiográfico não o é. Contrapondo suas supostas façanhas às fontes históricas, o resultado não é bom: não foi preso 23 vezes, não matou o marido da amante em um duelo, não se casou com uma baronesa polonesa (que achava feia), jamais participou da revolução russa de 1905 ou da revolta paulista de 1924, não inventou uma forma revolucionária de economizar combustível “em vapores e aeroplanos”, não rejeitou uma herança milionária.

Muito do que fazia ou falava era por razões chãs: queria reconhecimento, trabalho, recursos. Xerazade de si mesmo, mudava narrativas, inventava novas, exagerava outras, buscando ao máximo se afastar da miséria que, mais do que Bobo, foi sua sempre presente companhia. E foi deste ímpeto ficcional surgido da necessidade que nasceu seu último personagem: “Ossep Stefanovetch, Tolstói da Ucrânia, intelectual ucraniano de renome”. Com esse título autoconcedido, anunciava nos jornais conferências mamembes sobre literatura ucraniana, pelas quais aceitava donativos. Bem recebido no interior de São Paulo e do Paraná, foi justamente este último Ossep, agora “autor de um livro de contos de enorme sucesso”, que retornou a Curitiba, onde veio a falecer. A Sociedade Ucraniana do Brasil arcou com os custos de seu enterramento.

“Ao exalar o último suspiro, ao fechar os olhos para sempre, do meu túmulo da vida, mandarei, sorrindo, a todos que tenho conhecido e até odiado durante a minha vida, o meu último, sincero e doce beijo fraternal.”

Espalhado entre duas nações, duas línguas, dois alfabetos, poucas coisas unem o Ossep da Jovem Musa àquele pseudoanarquista. Personagens de um mesmo folhetim, ignoravam-se mutuamente. Restava uma mente original e criativa, premida pelo desejo de ser lido e pela sobrevivência. Acabou enfim por se recriar, sem intenção e sem o saber, enquanto uma paráfrase dos famosos versos: tornou-se um fingidor, fingindo completamente ser um drama a existência dramática em que deveras vivia.

P.S.: Urge a preservação de seu túmulo e de sua lápide, que estão em vias de destruição.

# BINDÃO

Adriana Tortato Tadra

Meu tio, irmão mais velho do meu pai, típico descendente de italianos – o tamanho do nariz o denunciava –, em alguns momentos usava um vocabulário que pode ser considerado peculiar.

Maionese virava “magnésia”; bisteca virava “peteca”; antibiótico virava “bibiótico”; IPTU e IPVA viravam “PTU” e “PVA” ... Ente outros termos perdidos na memória.

Mas não se enganem achando que ele era uma pessoa sem conhecimento. Realmente, a educação formal foi pouca, mas na escola da vida conseguiu ser um excelente pedreiro e construtor. Montou uma empresa com vários funcionários e suas obras, casas térreas, sobrados e prédios, estão espalhados pela cidade de Curitiba, principalmente no bairro do Portão.

Tinha um apelido, no mínimo, curioso, Bindão. Muitas pessoas da família o chamavam assim e acredito que nem sabiam o seu verdadeiro nome. Eu nunca soube a origem do apelido. Por curiosidade, pesquisei na internet e encontrei o sobrenome Bindão com ou sem o til, mas também não descobri a origem e o significado.

Considero esse vocabulário peculiar uma tradição, porque pulando uma geração, que no caso seria eu, meu filho também tem em alguns momentos o seu próprio vocabulário peculiar.

Vou dar uma olhada vira “vou dar uma molhada”; remédio vira “merédio”; papel celofane vira “papel xilofone”; colação de grau vira “colocação de grau”; previsão do tempo vira “prevenção do tempo”.

Esses momentos rendem muitas risadas. E sempre fecham com a frase: “Mas é mesmo sobrinho-neto do Bindão”.

# MINHA AMIGA, MARCIANA

Lilian Miranda

Do alto do quarto de nossa velha casa aguardávamos ansiosas o momento em que ela surgia, entre as cortinas da sua janela. Era preciso apenas um breve aceno para que cruzássemos correndo a rua que nos separava daquele universo de fantasias.

O universo da casa de dona Marciana.

E foi lá que vivi momentos incríveis de magia e muito, mas muito aprendizado.

Era dezembro. E, a minha cabecinha de cinco anos fervilhava em dezembro. Aliás, ela vivia fervilhada, porém dezembro era para mim o mês mais esperado, mágico, colorido e feliz do mundo. Era o mês do Natal e também de meu aniversário e, haveria bolo e refrigerante de framboesa. Também a casa se encheria de tios e primos e é claro de presentes.

Deve o leitor compreender que não se ganhava presentes fora destas duas únicas datas: Aniversário e Natal. E eu, era a sortuda dos dezembros, pois ganhava presente duas vezes no mesmo mês, coisa que matava minhas irmãs de inveja.

Nossa casa era literalmente uma casa de meninas. Cinco, contando com a mãe. O pai o único menino, era comandado por toda essa trupe “terroristinha” de garotas inquietas e tagarelas. Fui a última das meninas a nascer e, desde sempre soube que fui aguardada menino. Dessa vez viria um menino para carregar o nome do pai, que era também menino e filho único de também filho único. O nome da família tinha que andar e, o menino seria o encarregado desta tarefa. Nasci em casa. A

parteira me apresentou: Seu Barriga é outra menina. Contam que o pai foi fritar linguiça pra mãe comer.

Cresci cercada de informações. Livros, mãe! Estas meninas devem conhecer o mundo e, nada melhor que livros.

Nossa casa nunca parava de funcionar. Tinha dia pra tudo. Dia de lavar roupa no fundo tanque: era dia de historinhas da mãe. E daí, mãe? Sentadas nos degraus ouvíamos os contos, contados na tábua de esfregar. Tchec. Tchec. Tchec. A água caindo sobre os tecidos, a espuma fazendo bolhas de sabão. Tinha dia de passar a roupa. Dia de lavar o assoalho e passar vermelhão. Dia de cuidar do jardim e da horta. Dia de jogo de futebol, este era muito esperado; se ganhasse o time do pai, haveria passeio de Gordini, com a bandeira do Atlético Paranaense flamejando ao vento.

Tinha também o dia das tias virem pro café. As mulheres se reuniam semanalmente e, nos dispensavam, as crianças, para poderem contar também suas histórias. A mãe dizia ser historinhas de “gente grande”. Que um dia a gente também ia ter esse momento. O que será as fazia rir daquela forma? Eram dias mornos e lentos regidos por um relógio que andava com passinhos de tartaruga, o relógio da infância. Pois foi nesse tempo arrastado, que as visitas a casa da vizinha, dona Marciana, aconteciam. Acho cabe localizar quem era a tal pessoa de nome incomum: dona Marciana.

Volto o relógio do tempo das memórias, vasculho se alguma imagem de um rosto surge. Sei que era distinta e alta. Cabelos escuros. Magra. Suas mãos eram muito brancas e asseadas, as unhas sempre curtas. Enfermeira de profissão. Prestou serviço à Pátria Amada como enfermeira na Segunda Guerra Mundial. E foi de lá que a pobre voltou duas vezes, marciana. De batismo e agora também verdadeiramente de outro planeta. Confusa e até mesmo perigosa para alguns. A pobre mulher tinha visões. Surtos. Por vezes ouvíamos seus gritos doidos e

doídos, varar a noite até a chegada da ambulância branca. O símbolo de uma cruz vermelha junto ao som da sirene como que anunciava a todos: “Venham todos, venham ver”. A pobre era arrastada para fora de casa na camisa de força. Os olhos, dóceis olhos amigos, transformados em círculos de horror. O esposo e seu único filho, até a partida, abraçados. E, ali permaneciam. Cabeças abaixadas. Olhos marejados. Envergonhados. Assim foi durante todo o tempo que vivi naquela casa. Idas e vindas ao sanatório.

Quando do retorno do hospital, onde permanecia por meses internada, ia a nossa casa conversar com a mãe. Eu era a única das irmãs a não frequentar escola e então sentávamos à mesa. A mãe passava um café e em silêncio, em goles soprados a conversa ia fluindo. Devagar. No ritmo dela. Sem perguntas. Sem respostas. Apenas presença. Nunca fomos proibidas de ir até a sua casa. Minha mãe e meu pai permitiam nossas incursões à casa da vizinha amiga. E, assim que a janela se abria a grande e bondosa mão acenava. Era dado o sinal: Venham meninas. Tem Bidú-Cola no engradado e tem também Crush geladinha. Tem bala de coco e tem puxa-puxa! Fiz “indagorinha”. Ali era só doçuras. O tempo passava lento. A doença dava seu descanso. O calendário era nosso amigo.

E, então se fez dezembro e diga-se que dona Marciana montava o mais lindo presépio que se possa imaginar. Ocupava todo o chão de sua sala. Lúdico e repleto de histórias, em inúmeros cenários que culminavam na pequena gruta do nascimento de Jesus. Eu pouco compreendia o valor histórico e religioso da data. O que me interessava era que teria Árvore de Natal e, sob ela, presentes. E os presépios ilustravam como ninguém a data.

Mas nenhum presépio se assemelhava e tinha o poder e a magia daquele presépio. Musgo e pedrinhas num lago de espelho, com dona Pata e seus patinhos a nadar, dona Porca e seus filhotes, num chiqueiro

repleto de pequenas espigas. Famílias de animais conviviam tranquilas e desfilavam seus filhotes. Todos indo ao encontro da magnífica estrela que a cada dia se aproximava da gruta, seguida pelos Três Reis Magos. Ao chegarem todos à gruta na noite do dia 25, nasceria o menino Jesus. Na manhã do dia de véspera, pegávamos da caixa o pequeno menino e, num ato celebrativo ao som de “Noite Feliz” na vitrola, depositávamos aos pés da mãe Maria e do Pai José, o pequeno Jesus recém-chegado do céu. Jesus estava para chegar. Noite Feliz!

Todos os integrantes do presépio se viravam para a gruta em reverência à chegada do dono da festa. O menino Jesus.

O fato que lhes conto agora aconteceu em um último Natal que passamos juntas. Eu e ela, minha amiga dona Marciana.

Nesta data eu ia diariamente visitar o presépio. Aquele universo em miniatura me hipnotizava. Eu invejava aquele presépio. Queria muito tê-lo. Guardá-lo só para mim. Como amiga da dona, podia explorar todo aquele cenário e brincar livremente. Criavam-se mil histórias. Brigas eram frequentes entre os moradores. E todo tipo de situação da vida cotidiana de um lugarejo ali ocorria. Minha família preferida era a das galinhas. Os pintinhos eram tão miúdos. Eu precisava ter um pintinho só meu. Como era belo e pequenininho. E foi assim, com o coração aos pulos que escondi um dos pequenos na palma da mão. Não me despedi. Fui correndo para casa. Precisava esconder o objeto do meu primeiro delito. O pintinho amarelo.

Em casa cada uma das meninas possuía uma gaveta. Esta era como um pequeno cofre onde guardávamos nossos segredos. Havia um juramento: Era proibido a qualquer uma se aproximar da gaveta da outra sob o risco de morte ou tortura. E foi em meio a meus tesouros que coloquei o meu pequeno roubado. Mas, diz o ditado pegou um pegou mais um. Um só já não me contentava. Foi na manhã seguinte que parti resoluta: traria mais um para fazer companhia, afinal não

é mesmo nada bom se sentir sozinho. Em pequenos passos entrei na casa, e encontrei dona Marciana sentada ao sofá. Observava o presépio com certo pesar. Meus olhos seguiram os dela que, num movimento de cabeça, aponta.

Dona Galinha se encontrava deitada. Assim como o galo velho e toda a pintaradinha. Prostrados no fundo do presépio era a imagem da desolação. Não é que havia sumido um dos filhos da família galinhesca? A tristeza havia tomado conta do presépio. Talvez nem houvesse Natal. E até o Menino Jesus, podia não vir a nascer. Congelei. A desgraça toda fora causada por mim. Num ato de confissão saí correndo. Abri a gaveta. O pintinho estava ali, imóvel. Algo precisava ser feito. E da mesma forma, na palma da minha pequena mão voltou para junto da sua família.

O coloquei sutil no chiqueiro junto aos porquinhos e, eu mesma o encontrei. Vejam só! Que alegria Dona Marciana. Ele está aqui. Não fugiu nem foi devorado por um outro animal qualquer. Estava a brincar. Com o porquinho.

Oras, que confusão fez este pequeno em nosso presépio não é mesmo, minha pequena menina. Agora leve-o até sua mãe e o entregue a ela. Veja a alegria com que será recebido.

O tempo passou. No ano seguinte nos mudamos. Não vi mais a amiga. Tínhamos notícias através de antigos vizinhos. As internações foram até o final da sua vida.

Oscilante. Razão e Insanidade. Flor e pedra. Doçura e Amargor.

Até hoje, guardo em minha “gaveta” esta história. Do dezembro em que fui salva pelo olhar da bondade. Descobri que se pode olhar uma situação de muitas formas e que dependendo deste olhar se salva ou se lança uma alma ao purgatório. Eterno.

Estender a mão é sempre uma grande opção.

Eu escolhi ficar, para sempre, com a loucura da mão amiga da dona Marciana.

## LAMENHA LINS, 2.500

David Perez Milani

Minha avó vai se mudar. Depois de mais de 50 anos na casa da Rua Lamenha Lins, chegou a hora de trocar por um lugar que atenda melhor às necessidades dos dois senhorzinhos. O imóvel segue imóvel, e eu sinto que só eu estou com uma certa apreensão. Curioso como um objeto inanimado pode guardar tantas recordações. Deve ser por causa dos ouvidos das paredes.

Janelas grandes, térrea, jardim extenso. A casa é um retrato de uma classe média alta curitibana dos anos 1970. Um piano Essenfelder, azulejos portugueses e obras de arte do Nilo de Previdi e Josan pelas paredes da sala ampla. Uma estética que já não faz parte desse ideal contemporâneo de minimalismo.

Nada contra o minimalismo, de verdade. Até acho que alguns deveriam optar pelo minimalismo nas opiniões. Mas, se tratando de decoração, acho que estamos retrocedendo. As coisas estão muito quadradas, literal e metaforicamente.

Resolvi fazer algumas imagens da “Lamenha Lins, 2.500” (ou “casa da vó”, para os íntimos) para ter algum material para lembrar daqui a alguns anos. As gravações foram se juntando com algumas lembranças de Natais, jantares e festas que aconteceram ali durante meus 30 anos de vida, e outros 20 dos quais não participei. Talvez o lugar mais afetivo para mim seja a cozinha. Não sei por quê, mas os azulejos azuis me trazem um sentimento gostoso.

As conversas pós-jantar, que eu achava intermináveis quando criança, hoje parecem durar apenas dez minutos. As histórias repetidas da vinda para o Brasil da minha avó, dos carnavais em Matinhos ou

das viagens para Dourados. Se um tijolo pesa 1 kg mais meio tijolo, até hoje não sei quanto pesa um tijolo e meio.

Minha avó reclama muito da vizinhança. Quando eu e minha prima éramos crianças, costumávamos sair pelas ruas coletando flores para fazer buquês para nossas mães. Hoje em dia, o bairro Parolin não é conhecido por ser muito seguro. A mudança para o Saturno vai ser boa para ela. A rua é sem saída e silenciosa. Estranho que, numa família com origens italianas, agora se busque pelo silêncio. Mas ela é portuguesa, então essa lógica não funciona.

Os cômodos mudaram de função. De quarto da filha para escritório, de escritório para quarto da neta. Os sofás foram trocados, os tapetes também. Pessoas chegaram e pessoas se foram durante todos esses anos. Talvez seja uma crônica de puro saudosismo barato, ou talvez uma curta homenagem familiar. Aqui não precisa bater na mesa para avisar que terminou a piada.

# MÃE, QUERIA FOFOCAR COM VOCÊ

Larissa Nicolosi

Sempre adorei ter minha mãe como cúmplice nas histórias. Era para ela que eu contava as decepções amorosas, casinhos e novidades da área. Tinha liberdade de falar sobre os aplicativos e *dates*, e ela ouvia atentamente. Ria e ficava chocada com algumas coisas, é claro, mas não me reprimia. Rezava sempre para que alguém legal aparecesse no meu caminho e eu não precisasse mais fazer piada com as desgraças amorosas. Sonhava que eu vivesse uma comédia romântica, não um *stand-up*.

Lembro de ficar em pé ao lado da porta e falar: “Você acredita que [insira aqui algum absurdo]?”; e ela, sentada na cadeira de sempre, falar: “Homem, né. Não tem noção”. Perdão, amigos, mas a classe de vocês não ajuda mesmo. Minha mãe criticava, apesar de viver um casamento com uma pessoa muito boa, justamente por entender que pararam de fabricar esse modelo na década de 1970. Ela usava bastante o termo “livramento”, e explicava de forma que fazia sentido. Aí, dava de ombros e dizia: “É por isso que eu rezo tanto” ou “vocês não veem, mas tô de joelhinho dobrado pra Deus proteger vocês”. Por último, a mãe dormia enquanto rezava, devido aos medicamentos da pressão; agora, vejo o quanto é bonito pegar no sono enquanto fala com Jesus. De tanto que pensa, vira sonho. E a gente sabe que Ele pode tornar realidade.

O último perrengue amoroso veio de uma pessoa que dizia gostar muito de mim, entretanto, tinha “asco” por eu ser religiosa. Usou esse termo mesmo, quase com nojo. Não, não tentei convertê-lo, nem falei que ia para o inferno; ele explicou que não era algo feito diretamente a ele, mas apenas o fato de saber que eu era católica já o fazia ter ranço de mim. Fiquei horrorizada com o que ouvi e senti tanta saudade

de falar para minha mãe. Sabia exatamente sua opinião: livramento. Orações atendidas. Um escudo de Deus pelo tanto que ela insistia na proteção. Ah, claro: ela diria: “Idiota. Não sabe o que tá perdendo” ou “Olha pra você e olha pra ele”, porque vangloriava suas filhas e o que conquistamos. Enchia-se de orgulho de nossa formação, das viagens, dos sonhos realizados e das independências.

Ela, que nunca foi de nos querer eternamente embaixo de suas asas, achava um absurdo quando qualquer um não nos visse tão dignas de amor quanto ela nos via. E nos dava todo esse amor, inclusive. A mãe não chorou quando fui embora de casa; apenas dizia que às vezes se sentia meio perdida, pois estávamos todos criados e ela podia ficar mais de boa, sem correria e obrigações. Chegou a mencionar que levantou assustada um dia, mas lembrou que não precisava mais dar conta de crianças. Lucas no quarto, eu e Leticia em suas devidas casas. Só se preocupava com as crianças da catequese e com os meus futuros filhos. Queria tanto que ela fosse avó... ai ai.

Quis correr pra minha mãe a fim de repartir com ela a angústia de nunca dar certo. De ficar horas conversando, pessoalmente ou por áudio, e ela me confortar com o argumento de que aquela pessoa específica não era o sonho de Deus. Que seria além da minha vã imaginação. Eu amo a forma que meus pais falam, os termos usados. Minha mãe era impecável na fala e na escrita, ainda mais por sua sede de leitura e conhecimento, responsável por expandir seu vocabulário. Ah! Nesses casos, usava referências de filmes ou, não raro, de falas do Padre Reginaldo Manzotti.

Todas as primeiras vezes sem minha mãe causam alguma coisa. A primeira raiva amorosa me deu a sensação de desamparo e até uma certa injustiça, pois sei que a maioria das pessoas têm mãe para correr e contar. Eu não mais. E eu queria tanto fofocar com ela, como se falasse com uma amiga. E ela era mesmo, minha mãe, minha amiga, o ventre

que me gerou e os braços que me socorriam. Rio quando lembro da adolescência, nas vezes que acobertava meus *dates* com as paixonites. Conforme crescia, os panoramas mudavam e continuava contando tudo. Até aquelas intimidades que a gente morre de vergonha e, com o passar da idade, contamos dando risada pra mãe. Ela não julgava, não repreendia e se divertia.

Sei que posso falar com ela via pensamento e oração. Até nesse último caso, havia pedido sua ajuda para que tirasse da minha vida se não fosse bom pra mim. Horas depois, tchau. Foi uma resolução celeste *express*, igual quando pedi socorro para a tempestade parar, pois eu precisava andar até o ponto de ônibus e estava sem guarda-chuva. Na hora de sair, cessou. Quando cheguei sequinha e de boa no ponto, o mundo voltou a cair. Tento pensar positivo, que estou em vantagem por ter uma mãe do ladinho de Jesus e que agora não precisava mais dobrar o joelho, já que está pertinho de Deus e pode chegar em Nossa Senhora e dizer: “A Senhora é mãe também, sabe o que tô sentindo”.

Claro que Maria vai se compadecer, ainda mais por tamanha devoção da dona Alessandra, e por ser leoa com seus filhos. Não sei se ela olha aqui para baixo o tempo todo, porque senão o Céu fica com lógica de Big Brother invertido, com o pessoal nos observando. Mas creio que, quando invoco sua ajuda, ela tenta dar um jeitinho, se for bom e justo. Não tenho regalias por ter duas Mães na eternidade, pois lá as coisas continuam seguindo as regras de Deus. Então, se não estiver nos conformes, eu posso fazer birra pedindo e não vai rolar. Tipo pedir coisarada no mercado, sabe? Ela vai meter um “na volta a gente compra” só que por telepatia.

Talvez tenham contado pra ela lá em cima quem é o amor da minha vida, e toda vez que bato na tecla do errado, ela balança a cabeça. Se conhecer meu futuro marido, já deve ter falado pra todos os nossos parentes na mesa do Céu. Caso não lembrarem, falou referências, tipo

“filho da Fulana, lembra? Estudava naquele colégio. Ia no mercado comprar não sei o quê. Me chamava de tia”. Se ela não conhecer, deve ter caçado a ficha dele de alguma forma no FBI das nuvens. Gostava de uma fofquinha. Acho que isso ninguém tira da gente.

E eu sei que desilusão passa, mãe. Mas e essa saudade enorme de você? Faço graça, penso em metáforas e imagino cenários pós-vida. Contudo, é inegável que eu queria estar apoiando uma perna na outra encostada na parede enquanto te contava minhas presepadas. Ouvir seus conselhos, ir nas festas da Paróquia pra distrair, e ver você explanando pras suas amigas de pastoral as ciladas que eu me enfiava, só pra dizer, toda orgulhosa, que Deus protege muito os filhos de uma mãe que reza tanto.

## **A SIMPLICIDADE DOS SONHOS DE MINHA MÃE**

Arali Padilha

Em algum lugar entre as tarefas do dia a dia, os sonhos de suas mães se escondem esperando para ser lembrados. Sonhos adiados, trocados por horas extras, remédios para cólica, silêncios na hora do jantar. Quantos deles você conhece?

Eu como mãe, sei quais são meus sonhos e sei que vão além do bem-estar das minhas filhas, mas sabemos que essa ampliação da vida de uma mãe para além desta nobre tarefa é coisa nova e ainda não muito bem resolvida entre nós. Sonhar além daquelas criaturinhas que demos a vida, sim, é bem possível, mas para muitas isso é estranho, quicá impossível de se conceber.

Mas antes de sermos mães somos pessoas, e como um bom ser humano que se preze somos falhos, esquisitos, difíceis, embora sejamos também inspiração para tatuagens no estilo “mãe amor infinito”. Esse questionamento circundou meus pensamentos a respeito de dona Jacira, minha mãe.

Para dona Jacira, sonhar não era seu direito. Desde muito nova foi deixada na casa de uma madrinha, que nada tinha de fada, mais parecia a madrasta da Cinderela. Era para fazer companhia aos filhos da dona da casa, mas no fundo era um trabalho infantil do mais sério. Era louça pra lavar, roupas que iam até o rio para serem esfregadas; era a infância se esvaindo em troca de pouso e comida. Escola não tinha, era longe, era roça. Os dias apenas passavam, não se sabia se era Natal ou aniversário. As estações do ano eram sua noção de vida, o sol e a lua ditavam seus horários de labuta.

Ela cresceu, casou, engravidou. Uma vez, duas vezes. Seus cabelos longos desapareceram, cortados pela pressão dos dias. A vida a empurrou para trabalhar fora, para as contas que não fechavam. Então veio a terceira gravidez, a filha temporã, inesperada.

Talvez um dia ela tenha sonhado com o casamento. Talvez tenha imaginado a maternidade como um destino, não como um fardo. Mas o tempo apaga essas respostas. Se eu lhe perguntar hoje, ela dirá que sim, que sempre quis ser mãe, que outra resposta restaria? Ninguém confessa em voz alta o arrependimento que não cabe no altar da maternidade. Ninguém admite que os frutos do ventre vieram com espinhos, e claro que amou, mas amor não apaga o cansaço, não devolve os sonhos engolidos pela rotina. A verdade é que ninguém sabe ao certo o que ela desejou antes de a vida a dobrar em compromissos. Restam só os ecos de um “sim” obrigatório, porque o mundo não perdoa mães que duvidam.

Sei que um de seus sonhos era ter a casa própria, sair da tapera *vêia* do banhado em que vivia. Também sonhava em assistir ao desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro numa TV colorida. Suas filhas cresciam, seu sonho era que estudassem e para mim esse foi um dos mais importantes, pois, além do orgulho que lhe traríamos, o que realmente valia era a segurança que daria a cada uma de nós.

Consegui a sonhada casa própria, mas o alcoolismo recém-tratado de seu companheiro fez a necessidade de se mudarem surgir pra não cair em tentação, e isso não era um de seus sonhos. Juntaram tudo e num caminhão de mudança se foram embora, o casal, a filha temporã e a cachorrinha, escondidos no meio dos móveis. Não imaginou esse pesadelo em sua vida, mas lutou bravamente, vestiu sua armadura de guerreira e seguiu em frente em busca dos outros sonhos.

Os sonhos dela não foram pra ela, sempre foram pra nós, por nós. Antes de ser mãe existia sem ambições próprias. Depois, cada escolha

era pensada pelo bem-estar de suas três meninas. Estudou já adulta, não por vontade, mas porque um diploma significava salário melhor, e salário melhor significava futuro. Filha tinha que fazer faculdade, e depois concurso público, repetia incansavelmente, e na ânsia de nos ajudar na realização de seu sonho forçava os estudos, incentivava a leitura, inscrevia em cursos como datilografia e informática, afinal para trabalhar em escritório era importante, quem sabe num banco. Suas mãos, calejadas de serviços alheios, empurravam-nos para um caminho que ela mesma nunca pisou.

Deu certo. Duas de nós fomos parar em bancos; a terceira, em cargo público. Ela assistiu a todas as formaturas, secou todas as lágrimas. Depois, viu-nos crescer, casar, engravidar. E então veio o silêncio. Será que alguma de nós, ao olhar para o próprio filho, percebeu o vazio da pergunta nunca feita? Mãe, e você? O que você quis ser?

O eco da resposta está nas coisas que ela nunca reclamou, nos sonhos que doou como quem entrega um casaco no inverno: sem cerimônia, como se fosse óbvio.

A vida de dona Jacira ficou mais pesada quando seu companheiro partiu. Meu pai, que sempre dizia que depois da morte não há nada, foi embora de vez.

E foi então que começou realmente a parte mais difícil de sua vida. Seus sonhos antes desejados, já foram realizados. Agora, sobra o silêncio da casa vazia, os dias que se arrastam sem nome, sem diferença entre segunda ou quinta-feira. Nós, suas filhas, seguimos em frente, ocupadas com nossos próprios caminhos, nossos próprios sonhos, ou os das nossas filhas, porque o ciclo, afinal, nunca se quebra.

Dona Jacira hoje sonha que os sonhos delas, de nós, se realizem. Sonha que sua velhice seja tranquila. Sonha em não ser um peso. Sonha em não incomodar ninguém. E, nesse sonho de invisibilidade, a solidão vai tomando conta, devagar, como uma sombra que se espalha sem

pressa. Se não fosse pelos shows do Roberto Carlos, as visitas natalinas e as felicitações em seu aniversário, o tempo teria virado uma coisa só, tudo teria voltado ao que foi um dia. Hoje o seu sonho é que o Parkinson não a derrube. Sonha em enfrentar a doença. Sonha em não incomodar ninguém.

## “ASA BRANCA”

Antônia me conhece desde antes de eu me conhecer. Ela foi a primeira pessoa que eu vi envelhecer. Nos conhecemos quando ela tinha 56 anos, quando ela virou avó, Vilma passou a atender por mãe e eu, filha.

Cíntia Silva da Conceição

Quando Antônia foi morar no interior de São Paulo, vinda do interior de Pernambuco, trazia marido e seis filhos de idades que iam dos 13 aos cinco anos. Sempre ouvi a história de que no caminho ela escutava *Asa Branca* e chorava. Era uma cena estranha para uma criança imaginar, a avó chorando. Mas não falaremos de avó agora, falaremos de Antônia, caçula, órfã de pai muito novinha e filha de Maria Capitolina, Capitu.

Antônia chorava, pois, ao contrário do Nordeste que foi pintado cor de atraso, fome e miséria, o dela tinha cor bonita. A família tinha terra para plantar, criação de animais, na roça tinha feijão, milho e mandioca. Os produtos eram vendidos na feira, era comida para quem comprava e para quem plantava. Olímpio era o patriarca, mas Antônia era a Matriarca.

Gênio forte, foi ela quem escolheu o marido. Antônia, uma mulher de pele alva, olhos gateados – palavras dela – estava de casamento arranjado com outro homem, também de pele alva. Mas o destino não era esse. Para eu nascer com a pele que tenho, ela precisou se casar com um homem negro, viúvo, anos mais velho e pai de duas crianças. Emicida canta: pele alva e pelo alvo. Polêmica? Nenhuma, até onde sei.

Casou com seu “nego do beijo virado” – palavras dela – igreja, vestido branco e sapatos trazidos de São Paulo. Com Olímpio, teve sete crianças, seis viveram, cinco homens e uma mulher, o bendito fruto do vosso ventre, minha mãe. Vida, roça, cuidados com a casa, filhos que chegavam um após o outro, gênio forte, violência, medo, crianças que se escondem da mãe, correm para o pai refúgio, crescer, trabalhar na roça, brincar com bonecas feitas de sabugo de milho.

Mas se *inté mesmo a asa branca bateu asas do sertão*, Antônia foi. O motivo não foi seca, fome, atraso. Foi convite. Morar em São Paulo, trabalho garantido. Vender tudo, pegar o dinheiro, mudança. Lá se vai Antônia chorando e ouvindo Asa Branca. *Eu te asseguro, não chore não, viu? Que eu voltarei, viu, meu coração?*

1977, três dias de ônibus. Um táxi, não cabe toda a família, dividiram as crianças. Aperto no coração “e se levarem os meninos?” – palavras dela –, não levaram. Todos intactos. São Paulo, capital? Não. Interior.

Pariquera-açu. Já ouviu falar? Ela também nunca tinha ouvido até chegar lá.

Casa feia, com chão de barro. Chorou mais uma vez, queria voltar para o sertão, a casa lá era melhor, a vida era melhor. Dinheiro acabou, a fome não veio do sertão, veio de Pariquera-açu, São Paulo. *Deus do céu: Ai, Por que tamanha judiação?*

Um ovo dividido com cinco irmãos, era o que minha mãe contava quando queria que eu comesse toda a comida que estava no prato.

Mas não foi só tristeza.

Antônia deixa os meninos trabalhando na terra com o pai e vai trabalhar na fábrica de banana, não mais saias rodadas e vestidos, agora calças. Filhos crescendo, saindo da roça, um vira peão de

boiadeiro, outro trabalha como mecânico, outro em restaurante, a filha também. Vilma conhece Silvio, história acontece, criança escondida na barriga, medo da mãe gênio forte. A mãe católica se casou de branco na igreja. A filha sem vestido e sem igreja, só criança na barriga.

Antônia gênio forte, cara feia, mas a criança nasce. Antônia me conhece, eu logo conheceria Antônia.

Avó Antônia era carinho. A mesma mão que batia nos filhos quando não era chamada de senhora por eles, era a mão que passava suavemente pelos meus pés fazendo cócegas. A boca que gritava com eles era a boca que me dizia, “pé de princesa, tão macio, olha o meu, é cascudo”, e então apontava para os pés de sola rachada dentro do chinelo. Aqueles pés que vieram de tão longe, de um lugar que parecia existir apenas nas histórias que ela contava.

Antônia voltava para o sertão de tempos em tempos. Viajava sozinha, três dias de ônibus, semanas fora, quando voltava tinha tecidos variados, presentes, cobertores coloridos, rapadura, bolachas que eu nunca havia visto, sorriso no rosto e histórias.

Quando não estava lá, estava aqui pensando em lá.

Nunca escrevi cartas por mim, mas escrevi por ela. Antônia não sabia ler e escrever, os documentos tinham o dedão carimbado como assinatura. Nos finais de semana, no sítio, neta sentada e avó falando “lembranças para Maria de Neco, Zé Mudo, para todo o pessoal do Bola”, neta de caligrafia infantil, desenhava no papel as letras recém- aprendidas e pensava naqueles que deveriam ser personagens da cabeça da avó.

Cartas iam e vinham, contavam histórias de saúde, doença, amor e saudades. Quando Antônia volta? Ano que vem.

Antônia era mulher de cabelo preso em um coque amarrado com uma cordinha grossa, camisa de botão e calça. Era avó de

camiseta e saia rodada nos finais de semana, fazendo panela grande de frango cozido, batatas, coentro, muito colorau, Deus me livre comer frango branco, até hoje. Avó era a violência da morte das galinhas e o amor do prato quente e do arroz molinho.

O sítio era festa, era tio bêbado, pai bêbado, mãe não bebe por favor, você precisa cuidar da filha. Era barulho até tarde, eram primos, sofás, colchões no chão e beliches. Eram muitas pessoas dormindo amontoadas, música alta, coreografia, era gente, muita gente. Depois acabou.

Tio peão morre, avô morre, um caixão no meio da sala. Avó viúva. Acabou sítio.

Passou. Antônia morando com filhos, um tempo com cada um. Neta crescendo, mais netas e netos aparecem, ela volta sempre ao sertão. Quer levar os netos, os filhos. Trabalho, estudos, três dias de ônibus, ninguém pode ninguém quer.

Ela foi a primeira pessoa que eu vi envelhecer. Fraqueza, histórias que se repetem, doença, dificuldades, brigas, morte. As unhas pintadas de rosa, gostava de pintar as unhas, era sempre um pedido, “fia, pinta a minha unha?”.

Nossa história de mãos e pés. Pé de princesa, pé rachado, as mãos que fazem carinho nas costas, na cabeça quando fingia catar os piolhos, “vó, cata matadura?”.

Avó sempre achou bonito ver os livros e os papéis, ver a neta escrever, a neta estudar. A avó analfabeta, filhos escola, neta universidade. Ela disse que se soubesse ler e escrever, a vida teria sido outra, com conhecimento as pessoas vão mais longe, não teria tanta dificuldade. Ela não sabia reconhecer as letras, mas ela sabia sobre muitas coisas. Coloco ela em letras.

Depois que Avó *bateu asas*, neta *bateu asas* e foi ao sertão. Os pés de princesa nos mesmos lugares que o pé rachado pisou.

Os personagens da cabeça da Avó, escritos nas cartas, eram pessoas mesmo, moravam lá. Tinham carne e osso e tempero e cheiro, contavam histórias sobre Antônia antes de ser Avó. A criança trabalhadora que pegou em uma enxada aos 12 anos porque quis ajudar, que foi “o homem da casa” e cuidou da mãe, que gostava de dançar e passar pó rosa mosqueta, que deixou toda uma vida conhecida e amada para migrar.

Lá, neta “re”conhece Antônia, reencontra Avó.

Antônia me ensinou vida e morte, o cheiro do alecrim. *Guarda contigo meu coração.* Guardo comigo seu coração.

# ALTRUÍSMO

Maria Fernanda Gonçalves

A Fazenda “Nossa Senhora Aparecida”, em Jacarezinho, no interior do Paraná, era o cenário de nossas férias todos os verões. Meu pai, minha mãe e meu irmão, quando ainda estávamos unidos em família, íamos visitar nossos tios e primos e viver alguns dos dias mais felizes da minha infância. Pés de café, charrete, cavalos, *bouganvilles* coloridos, a pesca no lago com o tio João... tudo uma delícia. Criança adora água, assim, não poderia ser diferente. Vivíamos na piscina.

E foi por causa destes banhos de piscina que meu pai me ensinou uma das maiores virtudes que eu poderia ter aprendido: o altruísmo, a qualidade da empatia, com a possibilidade de dividir algo ou um sentimento com um semelhante. Levou um ano para eu aprender de fato uma lição para não ser egoísta.

Havia dias em que nossa família ia visitar amigos em outras fazendas próximas à propriedade dos tios João e Altair. Num determinado passeio, levamos uma boia salva-vidas para eu brincar na piscina. Foi então que meu pai sugeriu que eu desse a boia para uma criança da outra fazenda, provavelmente filho de um caseiro ou capataz do lugar. A esta altura eu já estava aprendendo a nadar, sem a necessidade da boia.

Meio a contragosto, dei a ela o colete salva-vidas de “presente”. Tudo certo. O que ela não podia imaginar é que no ano seguinte eu ia resolver pegar de volta a boia de piscina das mãos dela. Tomei para mim e queria levá-la embora. O egoísmo não teve vez... meu pai entra em ação e, numa conversa simples e contundente, me

fez ver que era hora de dividir o objeto com alguém que precisava daquilo mais do que eu.

Lembrar desta passagem fortaleceu minha educação e meu relacionamento com as pessoas. Sou muito grata por isso ao meu pai.

# O PAI INDÍGENA DA FILHA ILUDIDA

Sil Maltaca

O primeiro ano escolar traz, como é comum a toda criança, uma mistura de novidade e de temor. Para mim, que já sabia ler e escrever antes mesmo de entrar na sala de aula e pulei o pré para não “atrapalhar” os coleguinhas da escola, foi também um misto de expectativa e tédio. Filha caçula e temporã de quatro irmãos, fui alfabetizada pelas minhas duas irmãs mais velhas, estudantes de magistério no Instituto de Educação. Tornaram-me a cobaia caseira dos métodos pedagógicos que aprendiam no colégio.

Fui parar na turma da tia Eunice, professora miúda e sorridente que, para conter minha inquietação, me deixava sentar em sua mesa. Sentia-me poderosa, triunfante, cheia de empáfia – afinal, ocupava o espaço de poder da sala de aula. A estratégia funcionou por algumas semanas, até que o tédio retornou e tomou conta de novo. Enquanto os colegas soletravam o “A” da abelhinha, eu queria sair correndo. Como escape, ligava para o Disque-Piadas e decorava as pérolas de Ary Toledo no *Show de Calouros* que passava na televisão aos domingos. Decorava as piadas para depois repeti-las na segunda-feira. Resultado: foi a primeira ida à diretoria da escola e um bilhete para minha mãe que teve que ir conversar com a professora. Assim foi encerrada a minha promissora carreira no *stand up comedy*.

Como alternativa, passei a me exilar no pátio da escola, onde brincava com a filha adolescente da professora, alternando com idas a biblioteca, até que minha alfabetização se nivelasse à dos demais alunos da sala. Só não fiquei mais desanimada naquele início de ano letivo porque aguardava ansiosa uma data que para mim era especial: o Dia

do Índio – como ainda se dizia no final dos anos 1980. Durante dois meses perguntava à tia Eunice quando chegaria o dia 19 de abril. Queria aproveitar o dia, não mais para contar piadas, mas para compartilhar meu maior orgulho.

Quando chegou o grande e esperado dia, aos 6 anos, me coloquei em frente a turma toda e declarei: “Hoje é um dia importante, dia em homenagem ao meu pai. Vocês sabiam que meu pai é índio? Ele morava numa oca, no Rio Branco do Sul”.

Meu pai tinha uma tia que morava em uma chácara nesta cidade, e toda vez que a gente ia lá visitar a tia Anestina, ele apontava para uma casinha de pau-a-pique que ficava no caminho e dizia: “Quando eu morava aqui, vivia numa oca assim. Andava bem à vontade, sem roupas apertadas, nadava no rio, pescava e subia nas árvores...”. Ao que respondia: “Era assim que você vivia, pai? Você era índio? Ele respondia com um sorriso maroto de lado e olhar espremido: “Sim eu era. E dançávamos em círculo e batíamos o pé para que o céu nunca desabasse em nossas cabeças...”.

Na escola, narrei as histórias que meu pai contava para a turma. Ao chegar em casa, fui correndo contar pra minha família sobre o grande dia: “Hoje falei para todos meus colegas da turma da escola que o meu pai é índio”. Minha mãe e minhas irmãs desataram a rir. “Índio de onde, menina? Já viu indígena turco? Bigodudo, narigudo? O pai tá mais pra Saddam Hussein que pra Juruna”.

Arregalei os olhos. De fato, meu pai poderia ser dublê do Omar Sharif. Eu, que tanto quisera fazer rir na escola – em nenhum sucesso, é preciso frisar – pois ninguém, nem eu mesma, entendia direito as minhas piadas, conseguira finalmente arrancar gargalhadas em casa. Mas não via a menor graça. Que decepção. Como explicar que meu herói indígena era na verdade neto de sírio? Saí do set do filme *Brincando nos Campos do Senhor* para cair no making off do *Lavoura Arcaica*.

No fundo, creio que meu pai também desejava que aquelas histórias que ele contava pra mim fossem reais. Ele teve uma infância feliz, mas era mais Chico Bento que Papa-Capim. Vindo da roça, homem simples que era, talvez essa fosse sua forma de manifestar admiração por um modo de vida em harmonia com a natureza. Hoje compreendo que, ao se identificar como “índio”, ele não reproduzia o estereótipo pejorativo, mas buscava também para si um orgulho que poucos na época entendiam.

Herdei isso dele. Adorava assistir com meu velho a documentários e reportagens sobre o Quarup, ritual no Xingu. Meu pai falava com admiração dos irmãos Villas Boas, até quando eles apareciam na propaganda de xarope Maracugina. Como bem ensina o professor Daniel Munduruku, nós não indígenas ainda não conseguimos compreender direito quem são esses povos, formados por pessoas guardiãs da terra, sábias conhecedoras. Meu pai, à sua maneira intuitiva, talvez já reconhecesse essa força.

# BOM TE VER VIVO

Lilian Miranda

Mais uma história que teima em não ser esquecida.

E o pior... o protagonista permanece vivo: o golpe de 64 ainda respira.

“Amanhã vai ser outro dia

Amanhã vai ser outro dia

Amanhã vai ser outro dia”

*Chico Buarque de Holanda.*

A história segue. A cores ou em preto e branco.

O ano, 1964.

“Senhor José Carlos de Miranda? Nos acompanhe por favor. “

“Foi assim que, de repente, me vi preso em um Quartel do Exército em Curitiba. Vestindo ainda a roupa que usava na mercearia onde fazia mais um dos bicos necessários para manter a família. Literalmente desaparecido e, como diz o ditado: sem lenço e sem documento. Passei o braço por sobre a cabeça e pensei: Tô f.”.

O ano, 1952.

“Passei a infância na cidade da Lapa, sendo criado por meus avós maternos.”

Este período foi um divisor de águas na vida do menino nascido na pequena Porto de Cima, às margens do Rio Nhundiaquara e a do garoto que desembarca em Curitiba aos 14 anos. “Meus avós maternos eram pessoas com bom grau de instrução. Meu avô era dono de serraria, maçom, filiado ao Partido Trabalhista. Para a época, era um cidadão de esquerda: Salvador Sabóia. Me ensinou muito. Da saudação secreta

maçônica no aperto de mãos ao lema ‘Lembre-se sempre quem é você e de onde veio’”.

Com essas recomendações, o garoto de 14 anos chega em Curitiba decidido a vencer. Seu primeiro emprego: cobrador de ônibus.

“Por um ano fiz a linha do Abranches, numa Curitiba que já apontava para a modernidade. O governo de Bento Munhoz da Rocha prometia o progresso absoluto da ‘menina Curitiba’. O plano de construção do Centro Cívico passa a ser meu segundo emprego. Com 15 anos, passo a ser Oficial Eletricista do CEOC (Comissão Especial de Obras do Centenário). Ali aprendi o ofício: a profissão de eletricista. O que mais tarde viria a ser um dos caminhos intrincados que o destino vai traçando. Já mais experiente, me foi dado o compromisso de realizar a instalação elétrica do futuro Pequeno Auditório do Teatro Guaíra. Contava então com 16 anos. O momento era de pegar ou largar, sem ter tempo de pensar se possuía vocação, E eu agarrei com braço forte. O tempo nessa época caminhava diferente. Os dias passavam e a vida encurtava consideravelmente, aproximando mais o que estava por vir. Eram tempos difíceis, por mais que trabalhasse eu sabia que estava condenado a ganhar pouco e perpetuar a história que já conhecia tão bem. Mas sentia que havia em mim algo diferente. Sempre soube que possuía capacidade para chegar mais longe. E eu não iria abrir mão disso.”

Com gosto e aptidão por esportes, jogava futebol e sempre terminava por me envolver na parte técnica e administrativa dos times em que vestia a camisa. “Eu tinha liderança e, talvez isso incomodasse um tanto algumas pessoas.”

Gostava de ler. Lia avidamente tudo que lhe caía em mãos. Assuntos diversos, das cenas locais aos assuntos internacionais. Era uma época em que se encontrava nos jornais impressos toda a informação necessária. Bastava querer e qualquer um podia se tornar um cidadão bem informado.

“Certa vez, lendo o ‘Paraná Esportivo’ me deparei com um anúncio: ‘Se você tem 16 anos ou mais, venha ser Sargento do Exército Brasileiro. Não precisa ter ginásio’. O salário era tentador. Fiz rapidamente as contas e precisaria trabalhar muitos meses para ganhar o inicial da carreira. Vislumbrei um futuro pela primeira vez. E eu havia concluído o Curso Ginásial, coisa rara nos anos 50. Geralmente, uma pequena parcela da população conseguia passar no famigerado ‘Exame de Admissão’, concurso com a finalidade de “peneirar” um número já certo de estudantes cujas vagas eram contadas.”

“Fiz minha inscrição e a prova, sem tempo de me preparar. O resultado foi surpreendente. Passaram apenas cinco candidatos no Sul do Brasil. E eu, era um deles. Foi assim que me vi em Três Corações, Minas Gerais, cursando a Escola de Sargentos das Armas – ESA. Passados 24 meses de curso, fui enviado para o Rio de Janeiro para cursar a Escola de Aperfeiçoamento, casando-me neste íterim.”

A vida na caserna não era fácil. O nível de disciplina não era o que mais incomodava. O fato de perder a identidade, ter que se calar qual fosse a situação, mesmo com a razão estando ao seu lado, mostrou ao rapaz uma luta interna que exigia autocontrole 24 horas.

“Eu era um tipo contestador e posso dizer, inteligente demais para o regime imposto no quartel. Minha postura e comprometimento eram impecáveis. Meu uniforme se destacava dos demais. Era feito sob medida por um amigo alfaiate. Mas eu era ‘boca dura’, como se dizia na época. Tinha sempre uma resposta na ponta da língua, um questionamento, o que era inadmissível na função exercida. Também na hora do esporte me sobressaía e, fosse qual fosse a estrela do uniforme, a vitória era certa. Mas o pior estava para acontecer.”

Voltemos à história.

“Já casado e com três filhos, presto Serviço na 5ª Cia de Comunicações, no Bairro Portão, em Curitiba. O ano de 1961 se

mostra carregado de tensão política e social, culminando na chamada ‘Campanha da Legalidade’, caracterizada como um movimento civil e militar, a fim de garantir a posse de João Goulart à presidência da República, após a renúncia de Jânio Quadros. Parte do Exército questiona a legalidade da posse do então vice-presidente João Goulart ao cargo de presidente. O então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, movimenta parte do Exército e da população em defesa da Constituição. Foram momentos de tensão extrema. Ficamos, eu e meus colegas do quartel, em prontidão aguardando instruções. Eu já carregava uma série de advertências por várias situações que culminavam sempre me desfavorecendo disciplinarmente. Diante da crise, um agrupamento militar foi montado na região da divisa entre os estados do Paraná e São Paulo.”

“Havia a necessidade de passar um cabo de telefonia para este local, missão a mim destinada como sargento de Comunicações. Neste momento, tudo era tenso. Eu já havia definido meu lado e este era sem dúvida a favor da democracia. Estávamos num momento muito polarizado mesmo dentro das Forças Armadas. O trabalho a realizar era insalubre, de difícil execução técnica, sob intempéries do tempo auxiliado apenas por jovens soldados. No acampamento, levavam outra vida pois eram oficiais graduados. Enquanto fazia o serviço, um dos oficiais, um capitão, inadvertidamente entra na linha e inicia uma conversa com a esposa. Levei um choque elétrico, pois estava em meio a uma junção de fios. Não sei como foi que saiu: Mas quem é o f.d.p. que está na linha? Pensam que isso aqui é um pic-nic?”

“*A bem da disciplina*”, fui transferido para Bagé no Rio Grande do Sul, fronteira com o Uruguai. Com várias advertências acumuladas, a possibilidade de que lá eu me aquietasse saiu pela culatra. Dali para a frente minha vida tomaria rumos que nem eu mesmo previa.”

**Rio Grande do Sul. Cidade de Bagé. Fronteira com Uruguai.  
Governador Leonel Brizola.**

“Cheguei famoso. A notícia da chegada de um sargento revolucionário havia se espalhado. Com a esposa e três filhos pequenos, a pequena cidade nos acolheu e, por algum tempo, tive a impressão de que as coisas iriam se ajeitar. Ingressei na Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé. O curso: Línguas Neolatinas. Meu interesse pela América Latina já despertara e tudo que eu queria era obter conhecimento para enfrentar uma provável nova carreira. Bagé como cidade de fronteira possibilitava um grande intercâmbio cultural. A atmosfera em toda a América Latina era de instabilidade sofrendo um padrão amplo de intervenções militares, tendo como pano de fundo a Guerra Fria e a crescente preocupação com o comunismo.”

“Respiro novos ares com o ingresso na Faculdade e passo a frequentar regularmente o Partido de Representação Popular. Neste período, Paulo Freire lançava-se como autor revolucionário e como Guru dos cursos da faculdade, defendia um método de alfabetização de adultos, denominado Educação Libertária. O regime militar considerava suas ideias e métodos pedagógicos subversivos, especialmente a ‘Pedagogia do Oprimido’, como uma ameaça à ordem estabelecida. Quando havia oportunidade, aos sábados, eu visitava os assentamentos de trabalhadores junto a turma da faculdade para participar dos movimentos de alfabetização da massa trabalhadora.”

O momento político fervilhava. Ocorre o Golpe de 1964.

“Fui preso e fiquei incomunicável por 30 dias. Transferido direto para Joinville aguardando o julgamento, onde enfim fui expulso por ‘insubordinação’. Foi um processo extremamente difícil e doloroso. Voltei a residir em Curitiba, com esposa e filhos. Morávamos na casa de um parente e, fazia de tudo um pouco: fui vendedor de Enciclopédia Barsa de porta em porta. Ô, coisa difícil demais de vender. Depois,

vendia cigarro sem nota fiscal. Fazia o que aparecesse. As crianças precisavam comer. Eu sabia que tinha que fazer alguma coisa pra abrir perspectiva.

Foi assim que entrei em contato com a Faculdade de Bagé para conseguir uma transferência do curso. Mesmo com pendências em algumas disciplinas e sabendo de minha situação, a faculdade me oportunizou realizar as provas para não perder o ano. Passagens compradas. Enfim se abria uma luz no fim do túnel. Minha viagem seria à noite e isso me possibilitou trabalhar algumas horinhas ainda naquele fatídico dia. Fazia um bico na mercearia de meu cunhado com quem residíamos temporariamente. Fui preso ali mesmo. Levado incomunicável para um quartel, onde permaneci como desaparecido por três meses. Só muito tempo depois venho a saber o motivo de minha detenção. Porto Alegre ainda fervilhava na tentativa de reverter o Golpe. Provavelmente haveria ali uma Insurreição. Minha passagem de ônibus era para Porto Alegre.”

## **Epílogo**

De lá para cá tem muita história no caminho. Se dei a volta por cima? Opa, se dei. E fui feliz. Pois fui livre. Minha voz não foi calada. Eu jamais seria apenas um fantoche. ‘Não esqueça quem você é, e de onde veio’. Com a Anistia, foi reconhecida a injusta expulsão que sofri. Porém, tiraram muito de mim e de minha família e não sei se um dia irei perdoar realmente. Acho mesmo que nem é perdão a palavra. Minha esposa na época sofreu demais, mas foi a leal companheira, a quem devo muito pois me amparou durante todo este processo. Meus três filhos, cresceram fortes graças à força daquela mulher. Com a sua ajuda e de meus três filhos fiz minha carreira na Educação Pública. Chão de escola. Terminei meus estudos, concluí várias especializações,

ingressei como professor na Escola Técnica Federal do Paraná, depois Cefet, hoje Universidade Federal Tecnológica do Paraná.

Encontrei meu caminho. Militei por uma escola pública de qualidade durante todo o percurso acadêmico. Fui professor de grande parte da meninada de Curitiba e fiquei famoso adotando a prática de ensinar jovens a falar em público. A temida *palestra*, na qual o aluno deveria discorrer um tema sob o crivo do professor. Até hoje quando encontro antigos alunos damos boas risadas. Pensando bem pode ter sido a vontade de dar voz a todos que me fez adotar essa dinâmica.

A aposentadoria vem a coroar essa etapa e faz surgir novos desafios. Me torno presidente do time de coração, o Paraná Clube e empresário no ramo de hotelaria com a Pousada Dona Siroba.

É talvez um recomeço: o homem que retorna em busca do menino que deixou tempos atrás, a pequena cidade de Morretes.

Este é um trecho novo de minha história. Um novo casamento, novamente uma grande companheira e mais dois filhos, inauguram um momento de intensas realizações de ordem pessoal.

Hoje aos meus 87 anos afirmo que o tempo é ardiloso. Carregamos as histórias e não nos livramos delas. Vive em mim, o menino, o jovem e o velho e estamos sempre nos reencontrando.”

Do “Sargento Miranda” fica o personagem. Talvez inspire algo bom. Isso sim, me faria feliz. Apesar dos tantos tempos passados, a história teima em querer estar inacreditavelmente presente.

“Ninguém vai nos acorrentar, enquanto pudermos cantar”

Chico Buarque de Holanda

# ME DEVO TERAPIA?

Gesiane do Rocio Fontoura

Será necessário justificar uma existência? Os desvios do caminho me constituem, me levam a existir ou desistir. Guardo a vergonha no bolso para me aliviar com uma escrita de mim mesma. E tudo começa assim: MORTO! Meu avô! E quem o matou, morto também. Era assim. Aquele chão amaldiçoado e tão disputado virou um capoeiral, agora sim, terra de ninguém. Minha mãe MORTA por dentro. Por um derramamento de tristeza põe o facão no pescoço, mas os filhos lhe devolvem a coragem de existir. Ela fica.

Aquela cidade mínima morre em lembranças mais tristes para os meus. Chega Curitiba, toda viva para as nossas vidas recém-nascidas, e renascidas, depois do morrido. Cidade grande, num mundo tão pequeno da minha casa. Tinha só três peças, duas portas e meio banheiro. As cortinas de chita separavam as sete intimidades, e os beliches acomodavam corpos pequenos, médios e grandes, todos magros. Quatro adultos e três infantes, todos infortunados. Incrível como podemos sentir falta do precário. Sinto falta do que é mais primitivo, da simplicidade e do aperto que nos aproximava.

O mundo ficou maior com a chegada da caixa mágica. Mesmo sem cores trouxe o colorido, o brilho de ser. Mesmo pequena e descolorida, era a cachaça dos pobres. Todo mundo novelando e a vida melhorando, pelo menos com o direito de se imaginar rico, bonito e famoso. O glamour se apresentando por pessoas chiques, com lindas roupas, maquiagem e cabelos que não caem na cara nunca. Sinto o cheiro dessa gente rica quando vou ao shopping. Queria ver o luxo e não o lixo, me imaginar descendo as escadas da mansão para tomar

café da manhã com suco de laranja e mamão. A novela das oito era o centro da minha Terra, e que espera o jornal causava, com aquela falação sobre desgraça, gente pobre e feia como eu aparecendo. O pior é o jornal no banheiro, substituindo o papel higiênico. Pelo menos, se tivesse me deixado boa com as palavras, poderia ter me dado o prêmio Nobel de literatura.

Rebobinando a fita, me deixo contar um pouco da minha infância despirocada, corria o tempo inteiro. Minha mãe tinha que passar a chave, e mesmo assim escapulia. Numa fuga, atravesssei a rua na frente de um caminhão, motorista xingou minha mãe. Ao beliscar a mão da vó, me livreí das amarras e corri pra Avenida Anita Garibaldi. Minha tia, que estava junto, lembra até hoje de carros batendo e saindo pela calçada para não me atropelar, me cobra terapia. Teve uma vez que corri perto do Passeio Público, pronta para atravessar a rua do ônibus, mas fui interpelada por um camelô que fez minhas perninhas pedalem no ar.

Desaparecimentos. E num deles, minha mãe se ajoelhou diante do poço fundo, em total desespero, ela viu as bolhas subindo com a minha queda fictícia. Estava escondida, desbravando a bolsa da minha tia. Fuí pega com creme pelo corpo, batom na cara toda e um olho fechado por uma camada de esmalte, deixando titia sem creme e sem documento. Dentre as minhas esquisitices de infância, não gostava de ficar de calcinha. Sempre as tirava e jogava para longe ou no terreno baldio ao lado, formando um mar de calcinhas. Em tempos de frio extremo, eu acontecia, tirava a roupa e deitava pelada na calçada gelada. Isso não lembro, me contam.

Certa vez, descobri meu aniversário pela vizinha. A mãe não contou. Doía nela não poder fazer um bolinho que fosse. Um desdobramento dessa tristeza era “esquecer” os aniversários dos filhos. Graças a minha mãezinha estamos mais novos, pelos “desaniversários” da vida. Quando aprontávamos, ganhávamos varadas de presente. Minha mãe pegava a

vara e num puxão tirava as folhas de uma vez só, fazendo aquele barulho. Da árvore plantada, por mim mesma, ela colhia a minha desgraça.

Será que foi o veneno para matar piolhos que fizeram o VHS da minha vida desacelerar? Fiquei tonta igual a eles quando caíam da minha cabeça, por causa do SBP. Fui apagando e meio que morri um pouco. Era uma espectadora de vida, invisível. Fingia sempre ser uma personagem de novela, vivendo a vida dela. Recusava o real me dado pelo dia a dia, preferia o faz de conta. Tinha medo que me descobrissem, vissem o nada: encolhi. O meu passado acontecia sem mim.

Mudei de casa e ganhei um quarto. Emparedada, fiz descobertas com o travesseiro. Não entendi o que aconteceu, mas senti. Uma câimbra, uma tremidinha... Só sei que era bom e queria de novo. Ah, se meu travesseiro falasse. Até achava estranho quando alguém deitava na minha cama, se aconchegando nele. Não era ciúmes e sim pena da pessoa mesmo. Uma vez minha mãe notou que saí do quarto com as bochechas vermelhas, tive medo. Mas foi nessa época que descobri que a mulher pulsa no prazer, e isso é lindo.

Um anjo desaposentado pela imprudência de uma juventude. Num episódio de praia, peguei carona com dois caminhoneiros. Quem faz isso? Pegar carona vestindo apenas um shortinho por cima do biquíni, e se adianta para sentar no meio, enquanto um deles guardava a bicicleta no baú, numa tarde de chuva. Depois de um trecho, me dei conta e pedi para descer, os dois cavaleiros pararam e retiraram minha bicicleta para que eu continuasse meu caminho. Dei trabalho para os trabalhadores, põe bicicleta no baú, tira bicicleta. Ao contar essa história, há quem diga que eram dois anjos enviados para me dar uma lição. Canseira no anjo na primeira infância, com uma adolescência pausada ele pode aposentar, mas a juventude o evocou novamente. Ciclos.

A vida virou festa ao entrar na universidade. Fui a todas as festas temáticas ou não, minha criatividade deu conta de arrumar todas as

fantasias. O amargo virou doce, a melhor cerveja era a mais barata, juntávamos os níqueis para pagar. Fizemos amizade com o Castilho, garçom do Balaio de Frango. De despedida o presenteamos com um vinho, uma amiga trouxe de casa. Tempo depois, entendemos a emoção exacerbada dele, o choro e os mil “obrigado meninas”: foi quando a mãe da minha amiga foi pegar aquele vinho caro, guardado para uma ocasião especial, mas tinha sumido. Claro, ela pegou bem aquele. Lição: universitário não entende de vinho, mas garçom sim.

De tanto beijar, ficava com a boca assada pelas barbas malfeitas dos rapazes. Que saudade daquele papo bobo até a deixa para o primeiro beijo, que tinha sabor de halls de cereja. E um amasso poderia ser surpreendente. Lembro da mão na canela e o olhar esperando o sinal, quando consentido, a mão subia tateando cada parte do corpo até o pescoço. Os telefones eram dados em papelzinho, guardávamos como se fosse um documento importante. Nas danças coladinhas, o cheiro do amaciante Fofó da camiseta bem lavada pelas mães dos universitários. Também recorro da minha criancice tendo um acesso de riso diante da excitação de um namoradinho, disfarcei dizendo ter lembrado de algo engraçado. Tempo de primeiras vezes, experiências inaugurais. Época de identificação com o Pinóquio, bastava um convite para me desviar de um caminho responsável. A conta veio e me formei com outra turma.

Adulta, a morte me ronda: meu tio MORTO pelo rim morrido. Olhei para o meu pai e pensei: “Ainda bem que não é você?”. Mas esse alívio durou pouco. Seis meses depois ela o levou. MORTO também. Uma dor que vai até o osso. O carregamento no nome, no cabelo, no coração e naquele último olhar de me ver, saio para a aula e seus braços pausam sobre o cabo da enxada, num instante de deslumbre por sua única menina. “Ô coisinha tão bonitinha do pai, você vale ouro, é o meu

tesouro”. Cantava pra mim quando pequena, fingindo que iria me derrubar do colo, eu gargalhava.

A vida futura chega regrada e a gente se sente muito bem com o comum: casamento, financiamento, filhos... No nascimento dos filhos, o coração pulou fora de mim. Estavam no meu colo me olhando. Ai que medo dá isso. Não dou conta, dou o mínimo, o que consigo. E o marido? O Andy García no filme *Quando um homem ama uma mulher*. Ele não foi o primeiro que tirou minha calcinha, mas o único que me colocou quando adoeci, junto de mim nos momentos de TPM e agora menopausa. Já limpou meu vômito de bêbada, pinta meu cabelo. Sabe do que gosto na mesa e na cama, me achando linda quase 20 anos depois. Seguimos nos cuidando, resgatando o casal, para não ceder lugar apenas para o pai e a mãe. Nos desafiando a continuar morridos de amor.

MORTE. Veio me buscar. Hemorragia aguda, não aguento, UTI. Lugar inóspito, frio, iluminado de jeito ruim. A respiração é tão escassa, barulhenta. O tempo parou, raptada da minha vida, que segue lá fora sem mim. Me agarro a um único desejo, de ver meus filhos crescerem. Volto do meio de alguns que não conseguiram. Nada de belo vi lá, só tensão. Perdi a dignidade? Muitos mexendo no meu corpo moribundo, o valor de ir ao banheiro sozinha ecoava em mim. Senti saudade do mínimo, do comum, da monotonia, da mediocridade. Aprendi com isso? Pouco. Ainda continuo defeituosa, às vezes bagunçada, fazendo confusão com os outros e comigo mesma, mas um pouco mais autêntica, menos hipócrita. E assim vou, existindo mais quando escrevo, exercitando a coragem, desentupindo as artérias. Não arrependida de mim, me tiro de dentro. Ainda menina? Sou várias ou apenas EU? Me devo terapia?

# ENTRE AUSÊNCIAS E PRESENCAS

Maristela Tobler

A minha vida mudou para sempre em 1978. Eu estava brincando na janela de casa, quando um carro branco parou e desceu um rapaz. Ele perguntou: “Tem alguém em casa?”. Logo depois, disse que meu pai tinha morrido. Só tinha 7 anos, só tinha meu pai, pois minha mãe morreu quando eu tinha 3 meses de vida. Naquele momento, não entendi direito o que ele estava dizendo; fiquei sabendo mais tarde, quando alguém me explicou que meu pai estava ‘dormindo para sempre’.

No dia seguinte ao enterro, senti-me perdida, como se estivesse abandonada, sem rumo, sem casa, sem pai... então, peguei minhas poucas coisas e fui morar com minha irmã e meu cunhado, em Curitiba.

As primeiras semanas foram muito difíceis para mim, tinha que ajudar nas tarefas de casa. Minha irmã já tinha duas filhas, mas, mesmo assim, eu me sentia muito sozinha. Chorava todos os dias escondida, e acabei repetindo de ano na escola porque não aguentava o choro nas aulas. Não entendia por que as outras crianças tinham mãe e pai e eu não. Nessa fase, minha irmã e meu cunhado foram muito importantes para mim, me deram estudos, cuidaram e ensinaram valores.

Apesar de tudo, sempre me senti diferente, como se estivesse realmente sozinha. Não gostava de ir à escola porque as pessoas perguntavam sobre minha mãe e meu pai, mas eu não sabia a resposta. Com o passar do tempo, comecei a ficar revoltada, especialmente nas datas comemorativas como o Dia das Mães e o Dia dos Pais. Nesses momentos, fazíamos trabalhos na escola para entregar. Eu fazia os meus, mas acabava jogando fora, porque achava que meu cunhado não podia ganhar aquilo, já que não era meu pai. Às vezes, olhava para ele

com minhas sobrinhas e chorava, sentia que ele não me tratava igual a elas. Sentia que faltava algo na minha vida.

Alguns anos depois, comecei a questionar a Deus. Perguntava: “Por que tinha levado minha mãe?”, “por que não deixou meu pai comigo?”. Sentia que Deus tinha sido cruel, pois poderia ter deixado meu pai comigo, para cuidar de mim. Com o tempo, esse pensamento persistiu: achava que Deus era ruim por ter levado meu pai embora. Durante a minha adolescência, cheguei a ter vergonha de admitir que não tinha pai, já que todas as minhas amigas tinham. Isso me deixou ainda mais revoltada com Deus. Eu sempre me questionava sobre o motivo de todo mundo ter mãe e pai, e eu, que só tinha pai, tê-lo perdido, sendo levado por Ele, sem pensar que já tinha me deixado sem minha mãe.

Certa vez, na catequese, uma freira perguntou sobre minha mãe. Sem pensar, respondi que não tinha mãe, que nunca tive, e que só tinha meu pai. Falei que Deus foi ruim comigo, que me castigou e levou meu pai embora. Ela então me disse que não era bem assim. Explicou que Deus não castiga ninguém, e que todos nós temos uma missão na Terra. Argumentou que meus pais cumpriram a deles, por isso partiram. Pediu que eu não pensasse dessa forma e me deu uma Bíblia, sugerindo que eu lesse um pouco todos os dias.

Muitos anos se passaram após aquela conversa com a freira. Mudamos de endereço, troquei de escola e conheci uma menina. Nós nos tornamos amigas, ela me contou que nunca conheceu a mãe dela. Fiquei feliz ao ouvir isso — pelo menos mais alguém não tinha conhecido a mãe. Com o tempo, sua história fez eu me reaproximar de Deus. Fiz as pazes com Ele e percebi que tinha uma missão na Terra. Comecei a rezar com mais frequência, a deixar de falar que Deus era ruim e parei de dizer que nunca tive mãe. Assim, minha relação com Deus foi se fortalecendo e minha visão sobre tudo foi mudando.

Comecei a sonhar com meu pai e, durante a noite, até conversava com ele, como se estivesse ao meu lado. Sonhava que ele me chamava de filha e me abraçava. Quando acordava, chorava e rezava. Foi aí que percebi que Deus sempre sabe o que faz, mesmo quando não entendemos ou nos sentimos revoltados com Ele. Mesmo assim, ele nunca nos abandona. Comecei a valorizar tudo de bom que ele deixou para mim: embora tenha perdido meu pai, Ele não me deixou desamparada. Deixou uma família para me preparar para a vida. Cresci saudável, mantendo-me no caminho correto.

Nossa família, com oito irmãos, nem sempre é perfeita, mas está sempre se ajudando. Há muitos anos, ao voltar à igreja onde fiz minha catequese, reencontrei uma freira, já bem idosa. Lembrei daquela que me dera uma Bíblia, me aproximei. Com poucas palavras, contei que tinha feito minha catequese lá e perguntei se ela conhecia a irmã “Maria José”. Para minha surpresa, era ela mesma. Então, compartilhei com ela uma conversa que tivemos no passado. Ela pediu desculpas e disse que não se lembrava, pois muitas pessoas passaram por ela. Então, com muita sabedoria, disse: “Se cada um de nós levar uma palavra de amor ou esperança, poderemos alcançar o coração de muitas pessoas”.

Sou grata a Deus, por tudo. No passado, tive uma fase de revolta, mas, hoje, adulta, mãe, entendo que Deus está sempre conosco e sabe o que faz, mesmo quando nos perguntamos o porquê. Conquistei quase tudo que sonhei: tenho três filhos lindos, saudáveis e inteligentes, que são o meu maior presente, uma recompensa de Deus. Sinto falta do meu pai, claro, não poderia ser diferente, mas sei que tinha que ser assim. Também sentia falta de ter uma mãe, especialmente quando meus filhos eram pequenos. Às vezes, pensava que, se ela estivesse aqui, meus filhos teriam avós, como todas as crianças. Mas não deixava a revolta tomar conta de mim. Sempre peço que eles protejam seus netos e tenho certeza de que me ouvem.

Hoje, depois de tudo que passei, vejo as coisas de uma forma diferente, mas, ainda assim, olho para trás com gratidão. Sempre entrego tudo nas mãos de Deus. Aprendi muitas coisas ao longo do caminho, especialmente que é importante ajudar, seja com um abraço ou um sorriso. Aprendi a valorizar e retribuir tudo de bom que Deus nos dá todos os dias. Se a Maristela de hoje pudesse conversar com a Maristela criança, ela diria: “Vejo as coisas de uma forma diferente, não se revolte com Deus, Ele já preparou tudo para você. Eu sei que é difícil, que dói para uma criança que tinha apenas o pai como tudo na vida e perdeu até isso. Mas tenha força, não chore. No futuro, você vai entender que tudo aquilo foi necessário para você se tornar uma pessoa forte. Você vai perceber”.

Hoje, me sinto recompensada. A vida foi dura comigo, mas também me deu muitas coisas boas, oportunidades e principalmente meus filhos. Agora posso retribuir um pouco do que meu cunhado e minha irmã fizeram por mim, e auxiliar todos os meus irmãos que, de alguma forma, contribuíram para o meu aprendizado. Hoje, sou muito grata a Deus, pois Ele sempre esteve ao meu lado, me deu força para enfrentar o mundo e continua cuidando de mim. Ele me protegeu; cuidou também dos meus irmãos, para que nenhum de nós seguisse um caminho ruim.

Ainda hoje, mantenho contato com meu pai. Às vezes, durante a madrugada, acordo e converso com ele sobre minhas conquistas, sobre meus irmãos e meus filhos. Mesmo após sua partida, continuo conectada com ele, porque acho que uma pessoa só morre de verdade quando deixamos de pensar nela. E eu nunca deixei. Embora nossas conversas sejam mais breves agora, de alguma forma ainda estamos ligados. Eu falo com ele sobre como estão seus netos, conto como estou, como estão meus irmãos, como se ele estivesse aqui comigo.

Às vezes, não entendemos certas coisas que acontecem na vida, mas depois de passar por tantas experiências, começamos a entender, ou pelo menos tentar entender — mesmo quando Deus faz coisas difíceis de entender para um adulto, imagine para uma criança. Por isso, não me culpo e sigo em frente.

# ADVOGADA DE CAPITU

Arali Padilha

Fui advogada de Capitu. Sim, aquela famosa Capitu do século 19, aquela moça, que segundo seu acusador, tinha olhos de cigana oblíqua e dissimulada, olhos de ressaca. Estava no segundo grau, hoje ensino médio, aproveitava toda aquela energia maluca do Terceirão, o famigerado último ano de colégio, a doce ilusão de que após findado a libertação seria iminente. Talvez, se olhar pelo lado positivo, existe uma libertação. Mas se for olhar pelo realismo, a próxima prisão é líquida e certa. A vida adulta desponta diante dos sonhos e como nossos pais avisavam diante da ânsia de completar 18 anos, já poderíamos ser presos e, que incrível, eles estavam falando sério. Achei que era apenas legalmente, mal sabia que eles eram exímios filósofos metafóricos.

Voltemos ao tempo da cara espinhenta, aparelhos nos dentes e óculos fundo de garrafa. Estudava numa escola pública, a melhor da cidade; e, como boa escola que se preze, líamos literatura brasileira, conteúdo voltado pro vestibular da Unioeste – Universidade do Oeste do Paraná; e UFPR – Universidade Federal do Paraná. O livro da vez era *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, um verdadeiro clássico, mas que para aquela idade essa nomenclatura não me dizia nada. O importante era não ser chato de ler, simples assim. Acredito que muitos outros colegas pensavam como eu. A professora sabia disso e na tentativa de trazer uma dinâmica que chamasse a atenção da turma, elaborou um julgamento para a protagonista do romance. Ela traiu ou não traiu o Bentinho? Essa era a grande dúvida.

Tenhamos em vista que o livro foi lançado em 1899, nós, quase 100 anos depois, ainda estávamos discutindo a mesma questão.

Embora as questões e movimentos feministas estivessem sempre em discussão, nos anos 1990, eu não estava atenta para esse tema. Na verdade, parecia não ter a noção da existência dessa necessidade por nós mulheres. Talvez vivesse alienada ou quem sabe apenas experienciava as conquistas feministas sem a noção da importância delas. No meu eu adolescente, nem estava preocupada com isso. O fato é que não sei se foi premeditado ou uma casualidade aleatória do destino, mas eu, mulher, fiz a defesa de Capitu enquanto outro colega, homem, fez parte da acusação juntamente com Bentinho.

Minha amiga foi a Capitu, o que facilitou as coisas pro meu lado, pois como amiga já tinha como escopo a defesa e o acobertamento de algumas coisinhas, era uma colinha na prova aqui, uma saída escondida ali, mas o foco agora era a Senhora Maria Capitolina de Pádua Santiago. Para dificultar a sua defesa, minha excelentíssima amiga não leu todo o livro e em muitas ocasiões que a questionava, baseando toda minha defesa na minuciosa análise da obra, não soube responder com precisão. Mesmo assim, lembro que esses deslizes tornaram a aula até divertida, pois eu estava lá toda séria e comprometida em defender a mulher e ela nem sabia o que estava acontecendo, causando risos no restante da turma.

Poderia relatar aqui a brilhante defesa que fiz, todos os argumentos utilizados, mas assim como o colágeno já está em declínio a memória também passa por esse processo, afinal já se passaram quase 30 anos do ocorrido. O importante é que consegui convencer o júri de que ela era inocente e a vitória foi revigorante, e isso a memória não apagou.

Mas além de ter sido uma ótima estratégia da professora pra que lêssemos o livro, debatêssemos em sala, a questão maior por trás disso tudo é por que uma mulher precisa ser julgada pela (suposta) traição de um homem. Até os anos de 1960, não existiam dúvidas de que Capitu havia sido adúltera, pois até então a palavra acusativa do marido era

sempre levada em consideração, mas a partir do lançamento do livro de Helen Caldwell, intitulado *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*, que compara a obra brasileira à peça teatral de William Shakespeare, na qual Otelo, assim como Bentinho, é inundado pelo incontrollável ciúme, acreditando que sua amada o traiu e bem visto no final de que Desdêmona era inocente. Nesta comparação, a escritora estadunidense advogou, defendendo-a e trazendo um outro enfoque sobre o livro, desta vez um Dom Casmurro como um narrador não confiável, a visão unilateral de uma história narrada por um homem ciumento, e como todo bom ciumento começou a ver chifres na cabeça de cavalo e imaginou-se chifrudo também.

Isso me fez lembrar do livro de Chimamanda Ngozi Adichie, *O perigo de uma história única*, nos fazendo perceber o quanto é arriscado acreditarmos em somente uma versão de uma história, comentando nesta obra como o poder de quem conta pode tornar uma história definitiva, e para evitar que isso ocorra a autora nos orienta para que sejamos cautelosos e precisemos diversificar as fontes do conhecimento, tanto para analisar uma obra ficcional do século 19 como também todo o contexto em que nossa vida acontece.

É uma ótima recordação dos tempos do colégio, aquele momento saudosista em que nós existíamos cheio de sonhos, cheios de energia e sem medo de brigar pelas coisas e ao mesmo tempo desorientados sem saber por qual caminho seguir, ansiando por uma liberdade irreal.

Não prestei vestibular pra Direito, embora já ouvi dizer que sou ótima argumentadora. Consegui inocentar a personagem, segui alienada ainda por um bom tempo. Usei a literatura para fugir e hoje a busco para me libertar, seja lá o que isso signifique.

# A GAROTA DO FIM DO MUNDO

Cida Grecco

O que pensa o jovem de hoje em dia? Alguns dirão que não pensam, que são irresponsáveis, imaturos demais, não querem nada com nada. Arrisco até a dizer que pensam que é o fim do mundo. Apocalípticos ou integrados, quem convive intensamente com eles pode ter uma ideia controversa. Sabe que são feitos de sonhos, mas também de luta e perrengues que não são nada chiques. Por isso, a história das juventudes, embora pareça curta, é tão importante de se ouvir. Não é diferente com Sofia, uma jovem secundarista finalizando este trajeto tão marcante e importante para tantos outros.

Criada no interior, ou melhor, em cidades pacatas e interioranas, teve dificuldades de adulto muito cedo. Responsabilidades que pesam na formação da personalidade e moldam características que vão segui-la sempre. Separação dos pais? Lugar-comum de sofrimento para os que ainda não entendem que relações humanas podem ter fim, ainda mais de seus pais. Ao se deparar com a impossibilidade de viver com os genitores na mesma casa, cresceu e amadureceu cedo demais.

“Amo meus pais, mas nessa época eu me sentia mal com eles, como se tivessem me jogado em um lugar que eu não conseguia sair. [...] A separação me fez ver que o mundo às vezes não é tão bonito, que você vai se frustrar e não vai poder fazer nada sobre.”

Teve que aprender a se cuidar sozinha. Cuidar de todos em casa. Cuidar da mãe virou mais que rotina, necessidade de sobrevivência. Esse cuidado ensinou a sentir responsabilidade por tudo que a cercava, gerou ansiedade, medo, inseguranças. A frágil mãe precisava de ajuda, como muitas que seguem sozinhas educando seus filhos e sonhando

dar a eles o que não teve. Eis o grande desafio que atravessa gerações: dar o que não se recebeu. Há pais que não se formaram e sonham que seus filhos se formem, há pais que sobreviveram à fome e à miséria e sonham em ver seus filhos longe disso, há pais que sofreram e não desejam a eles nenhuma forma de sofrimento. “Me fez aprender que mesmo nossos pais ainda vivem em constante aprendizado, e que sempre vão querer seu bem à maneira deles.”

Sofia sofreu. Mas mesmo assim seguiu fazendo seu melhor.

“Sempre quis ser a melhor pessoa que eu poderia ser, em qualquer situação, mas pra mim, não pra ser melhor que os outros.”

E que melhor.

“Passei por dificuldades de saúde, cirurgias, exames, perdi familiares, ganhei familiares, perdi amigos. Fiz amigos novos, realizei metas, alcancei conquistas, sorri. Passei por muitas coisas, mas eu sempre tentei não transparecer isso, sempre tentei não dar trabalho pra ninguém. Assumi responsabilidades, ganhei um irmãozinho, ganhei um “filho”. Cuidei da minha mãe, e ainda cuido. Cuido de todos, na verdade.”

O irmão mais novo segue o caminho da mãe-irmã, o irmão mais velho, também muito jovem ainda, luta pela vida ao enfrentar o câncer. Ela no meio, equilibra as emoções para seguir em seu trabalho de cuidado. Chora no meio da aula ao ler um poema e ouvir a professora falando sobre a indesejada das gentes e a importância de se viver o momento presente. As perdas na família já deixaram marcas profundas, dores que se tornaram traumas difíceis de lidar. Mas segue aqui e ali procurando forças nos dias felizes.

A vida nômade a fez conhecer várias cidades e até um país distante por meio de um prêmio que ganhou. “Morei em vários lugares, conheci culturas.” Passando por mais de 30 cidades, o intercâmbio de seis meses na Nova Zelândia a marcou profundamente.

Quando criança sonhava em ver a neve. Queria ver neve na Nova Zelândia. A separação dos pais a fez amadurecer. Ao brincar na neve, aprender que matemática não é como se ensina aqui, nem tão exata assim, se viu criança. E sabemos que a visão da criança observa tudo como grandioso, enorme, de grandes estaturas mesmo. “Era um momento em que eu sentia o quão grande a vida pode ser.”

A viagem ampliou esse pensamento. Lá, ela teve a oportunidade de se conhecer, de se afastar de tantas responsabilidades que tinha aqui. “Tive a oportunidade de descobrir do que gosto, de quem gosto, das coisas que me fazem alegre, das que me irritam, me magoam, tive a chance de conhecer pessoas incríveis que marcaram minha vida pra sempre. Carrego todas as experiências que vivi lá, boas e ruins, porque esses dois lados da vida são o que me fazem ser eu. Me senti muito egoísta no começo, sentindo que eu não podia fazer algo que não beneficiasse outras pessoas, somente a mim. Sempre fui acostumada a ajudar todo mundo, muitas vezes esquecendo de me ajudar também, então essa vivência foi boa, fez eu aprender um pouquinho que, às vezes, tá tudo bem eu ser feliz também.”

Durante o intercâmbio, ao se sentir importante, também se achou mais inteligente e capaz. “Foi muito importante pro meu desenvolvimento, e acho que me ajudou a entender prioridades e visões de mundo. Aprendi muito, conheci novos lugares, novas vidas. Aprender com outra cultura, outras famílias, outras pessoas. Compartilhar vivências e ver os diferentes posicionamentos que as pessoas tomaram depois do mesmo ocorrido. Foi um momento puramente de aprendizado e saudades. Aprendi a ser uma pessoa mais inclusiva, mais compreensiva e cuidadosa.”

Mais cuidadosa e menos cuidadora, diga-se de passagem.

Longe das responsabilidades de cuidados com a família, o peso da culpa e do sentimento de invalidez trouxe dúvidas sobre se deveria ou

não ter feito a inscrição para concorrer ao prêmio. “Me senti culpada por fazer algo que era bom só pra mim, por não estar mais na minha casa, ajudando a minha família, me gerou dúvidas sobre quem eu era, me fez mudar comportamentos que eu criticava e mesmo assim fazia.”

“Foi um período difícil. Precisei aprender a lidar com cicatrizes do passado, fases e descontentamentos. Vi, que mesmo me achando madura antes de ir, ainda era uma criança em muitos sentidos, e acabava sendo infantil e hipócrita em alguns assuntos que me surpreendi mais tarde. Me ajudou a ser humana. E ainda ajuda. Várias vezes, vários dias eu me pego pensando em algo que aconteceu lá fora.”

Ao voltar para a escola brasileira, sentiu-se como nunca, em casa. Em seu lugar de conforto, já que gosta de estudar, sentir que está aprendendo. Além disso, a rotina, ter um lugar para ir todos os dias, encontrar colegas, se divertir com as brincadeiras, palhaçadas, risadas e a novidade da aprendizagem, é algo do qual vai se lembrar para sempre. “Por algum tempo, eu usava a escola para distrair a cabeça da minha vida lá fora, na separação dos meus pais e em outros problemas. Lá, me sinto importante, sinto que posso algo.”

A construção das amizades ao longo do percurso escolar também enfrentou altos e baixos. Sabe o quanto é importante ter amigos e separar dos colegas. Como muitos jovens que amadurecem cedo demais, enfrenta o desafio de se enturmar e manter amizades. “Não sei exatamente o motivo, mas parece sempre a mesma história. Então eu valorizo muito minhas amizades enquanto as tenho, e mesmo depois. Para alguns me vejo como irmã mais velha. Para outros, me sinto uma velha, mas no geral é muito bom.” Não gosta da imaturidade e da falta de responsabilidade daqueles que fazem piada com os menos favorecidos e se sente deslocada em um mundo que cultua *influencers* sem nenhum caráter.

Mesmo nas relações sociais escolares, a separação dos pais ajudou-a a compreender que nem tudo são flores e que não é preciso aceitar tudo. “Você não precisa fazer parte do que não acha certo só para se enturmar e que fazer coisas erradas não te torna uma pessoa mais legal. Muitas das vezes, é você por você, e independentemente da situação, tentar nunca é algo inválido. Acho que isso me fez crescer e entender o mundo como um lugar bom e ruim, e não só um lugar onde as pessoas me davam tudo e tudo sempre era cor de rosa.”

A vida na escola não é só pensar nas amizades, nas brincadeiras e palhaçadas cotidianas. O jovem também pensa sobre o currículo, sobre o que aprende e o que não aprende, sobre o que é dito e o como é dito. Ela faz parte da primeira geração formada pelo famigerado Novo Ensino Médio. Afirmo que a propaganda foi bacana, disseram que iria se especializar em uma área que pudesse escolher e sentia que não iria ter que lidar com matérias que não fossem agregar nessa escolha. Embora defenda a ideia de estudar com disciplinas gerais, achava legal ter um foco em apenas algumas. Ledo engano.

“Não gostei da retirada de disciplinas importantes e implementação de outras que, contradizendo o projeto, não sejam importantes para a futura carreira de algumas pessoas. Os conteúdos deixam a desejar em várias áreas, as aulas de Inglês, Artes, Educação Financeira e Projeto de Vida parecem caminhar todas juntas no quesito ‘Habilidades para o mercado de trabalho’, ‘Como ser um bom profissional’, e sim, esses pensamentos são importantes e válidos, porém, não na quantidade que estamos vendo.

Não é apenas o foco na formação para o mercado de trabalho que a incomoda, mas o excesso de ênfase neste discurso e a falta de formação básica em outras áreas. “Não vejo sentido responder às mesmas perguntas em várias matérias ao invés de aprender coisas novas que vão sim agregar na minha carreira profissional. A ausência

de Filosofia, Sociologia, Física, Química e Biologia na grade de aulas durante o Ensino Médio é, para mim, ridícula.”

O Novo Ensino Médio exigiu o Novíssimo Novo Ensino Médio, que veremos em breve implementado nas escolas do país, com o retorno das matérias básicas em todas as séries do secundário. Esperamos e ansiamos por isso.

“Acho absurda a ideia da redução de disciplinas básicas e implantação de outras que muitas vezes não nos trazem o mesmo aprendizado. Gostei da ideia de colocar uma aula focada no desenvolvimento de agilidades cognitivas dos alunos, de abrir essa janela para a possibilidade de pensar sobre você e seu futuro. No entanto, esse sistema, na minha opinião, anda muito forçado e repetitivo.”

Tudo o que é forçado e repetitivo não agrada aos jovens. Agrada aos adultos?

Sofia também pensa no presente, anseia pelo futuro. E mesmo diante dos desafios que todos os secundaristas enfrentam com as políticas públicas educacionais dos últimos anos, sonha.

A quimera persegue o jovem. Ela tanto pode ser este ser que cospe fogo impulsionando a vida para frente quanto o irrealizável utópico que nos move. O paradoxo consiste em buscar aquilo, mesmo tendo que matar um dragão por dia, que forma nosso horizonte de expectativas, nunca o alcançar, mas sempre, sempre seguir em direção a ele. “Sonho em ter uma vida tranquila, uma vida onde eu não precise correr o tempo todo nem ter algo pesando na cabeça o dia inteiro. Quero minha independência e viver feliz com isso, podendo fazer coisas pra mim e não me sentindo culpada por isso.”

As juventudes, estas que prenunciam o fim dos tempos com seu comportamento subversivo, são feitas de sonhos que cresceram de geração em geração. São herdeiros daquilo que seus pais não conseguiram realizar e desejam deixar algo melhor aos seus filhos. “Sonho em poder

ajudar meus pais financeiramente quando eu tiver condições, e cuidar da minha mãe. Sonho em meu pai com uma vida melhor do que a que ele tem agora, com melhores condições financeiras, uma casinha boa e sem se preocupar com as compras do mês ou armários vazios.”

O jovem não quer nada com nada, só quer festa, diversão, dizem por aí. Sofia também quer isso: “Sonho em conhecer lugares pelo mundo, outros países, culturas, culinárias e pessoas. Ir o mais longe do que o longe em que sonhava e ver que eu cheguei lá, eu consegui.”

Talvez ela faça um curso de Turismo, se case e depois descubra o quanto sempre gostou de cozinhar para toda a família.

Nasceu em São Paulo. Afirma que nunca foi paulista. Foi criada em cidades de Minas Gerais e Rio de Janeiro, se acomodou no Paraná. “Vim de Delfim Moreira, MG, por isso gosto de dizer que vim *del fim* do mundo.”

# “REVANCHE” É RESISTÊNCIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Priscila Tobler Murr

*Zeitgeist*. Do alemão: *zeit* significa ‘tempo’ e *geist* representa ‘espírito’. “Espírito do tempo”. Para além de ser um conceito criado pelo filósofo germânico Georg Wilhelm Friedrich Hegel, é a expressão utilizada pela diretora do Grupo de Teatro Revanche, Maurini de Souza, para descrever a existência, continuamente reelaborada, do conjunto de estudantes que, normalmente, são vinculados à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Mas ela alerta, imediatamente após dizer “[*Dzátigáist*]”, que está longe de ser hegeliana, pois, todos devem saber, “Revanche” é resistência, é espaço de luta de classes através dos tempos!

Nunca se tratou exatamente de um sonho. O Revanche ‘nasceu’ durante as aulas de uma disciplina optativa de “Prática Teatral”, oferecida por aquela que viria a ser a diretora de teatro mais amada deste mundo. Não tem um integrante que tenha passado pelo grupo, desde seu surgimento, em 2011, que não conte uma boa história sobre como aquela professora, que nem é de expectativas, revolucionou sua vida. Em cada época, claro, os perfis são sempre diferentes, a integração entre atrizes e atores muda, é isto o *zeitgeist*, a essência de como as pessoas pensam, sentem e agem em determinado momento. E, por não se tratar de algo estático, mas de um conjunto de características que se transformam, o termo encaixa perfeitamente no fluxo de ser comum a um grupo de teatro universitário.

Em seus quase 15 anos de sobrevivência, o Revanche congregou diversos estudantes. A primeira formação veio logo após o fim da disciplina, que tinha como proposta apresentar o teatro dialético de Bertolt

Brecht, importante dramaturgo alemão do século 20, explorando o aprendizado dos atores quanto ao processo didático, afinal, para esse pensador, o teatro era para os atores, e não necessariamente era pra ser encenado. Essa formulação teórica se contrapõe ao teatro burguês, hegemônico e mercadológico, a partir da prática artística, realizada coletivamente, levando em conta, sobretudo, questões político-sociais.

A primeiríssima apresentação do *Revanche* foi, portanto, com *A exceção e a regra*, desenvolvida a partir da peça homônima de Brecht, escrita em 1930 e que explora as relações de poder e a luta de classes no contexto capitalista. “É que ficou tão, mas tão bom, que o pessoal: Ah, vamos continuar? Vamos ensaiar?”. E ele [o *Revanche*] nasceu assim, de bobeira, do nada”, conta Maurini. Naquela época, mais ou menos 15 estudantes faziam parte do coletivo, cerca de oito permaneceram por mais tempo envolvidos com a atividade. Ao longo dos anos, diversos entusiastas, dos cursos de Teatro, Música, Comunicação, Letras e História passaram pelas coxias, normalmente improvisadas do grupo. E as encenações acontecem nos mais variados lugares, desde os auditórios, passando pelas salas e pátios, até as calçadas e ruas que compreendem universidades e escolas.

“Eu nunca quis ter nada na vida, as coisas sempre foram acontecendo... Na universidade, a última coisa em que eu pensava era ter um grupo de teatro, eu queria trabalhar com a formação mesmo, mas, no fim, [o *Revanche*] nasceu de bobeira e deu certo”, diz a criadora. Na concepção de “teatro universitário”, conforme os anos vão passando, os potenciais integrantes do Projeto de Extensão, que é o *Revanche*, também seguem. Maurini diz que há uns insistentes, que vão e voltam, mas “são poucos, é bem pouca gente que permanece. É aquela coisa, tipo trupe, sabe?! Só que ao contrário deles, eu não passo adiante, eu fico”. E, parafraseando Pessoa, a docente da UTFPR é certa: “Não tenho saudades, nem esperanças’... então, o que vier é alegria!”.

# SÓ VALE O PELLANDA

Louize Karoline Lazzarim

A primeira crônica que li era sobre uma prostituta que visitava o cemitério do Boqueirão toda semana. Sempre apressada e vestida de forma “vulgar”, de acordo os padrões da época, ela chamou a atenção de Luís Henrique Pellanda, cronista paranaense de sobrenome que eu já tinha escutado bastante no bairro onde passei grande parte da minha infância e adolescência. Algum tempo depois, descobri que ele também tem origens no Umbará — e aí o sobrenome passou a fazer ainda mais sentido.

“Mas por que ela sempre visita esse lugar?”, perguntava-se o autor. Lembro que essa era exatamente a minha dúvida, e talvez tenha sido por isso que a leitura me cativou. Não lembro muito dos detalhes, e também não contarei o final aqui, para que procurem a leitura e se deliciem com a escrita do meu conterrâneo.

Um mês depois desse primeiro contato, uma surpresa: Pellanda iria visitar o Colégio Estadual Padre Cláudio Morelli, também no Umbará, onde eu estudava aos 14 anos. Pode ser que eu quebre sua expectativa ao contar que essa primeira crônica não foi descoberta por acaso e nem folheando um jornal. Ela foi lida por imposição de uma professora de Língua Portuguesa muito exigente: a professora Mareliz. À minha época, era conhecida por não avisar quando aplicaria uma prova. Entrava na sala em silêncio, tirava a bolsa transversal do ombro e disparava a frase mais temida por uma turma de pré-adolescentes: “Guardem os livros, hoje temos uma atividade avaliativa.”

Outra peculiaridade: ela nunca chamava de “prova”. Eram sempre “atividades avaliativas”, e nunca avisadas com antecedência. Segundo

ela, o aluno devia estar sempre estudando — não só quando soubesse que uma avaliação se aproximava. Para muitos, isso era motivo de raiva. Mas, por algum motivo que não sei explicar bem, eu criei um carinho enorme por ela. Para mim, a rigidez era só um detalhe, comparado à qualidade das aulas.

Foi por sugestão dela que começamos a ler crônicas semanalmente. E foi aí que me encantei com o gênero, algo tão peculiar para uma garota de 14 anos. Eram textos sobre coisas simples, rotineiras — temas que facilmente poderiam ter acontecido na frente da minha casa.

Mas havia uma regra: só valiam crônicas de Luís Henrique Pellanda. Ouso dizer que, naquela época, a nossa turma do nono ano foi responsável por boa parte dos acessos do jornal digital *Gazeta do Povo*.

No meio desse mergulho literário, descobri que Pellanda era jornalista. Foi outra coincidência que me aproximou ainda mais dele: essa também era a minha profissão dos sonhos. A leitura ganhou um toque especial — afinal, até então, eu achava que jornalistas apenas relatavam mortes, sequestros e roubos. Embora a ideia de lidar com temas tão sérios me interessasse, o cotidiano “banal” também me fascinava.

Depois de muitas leituras e de sentir que já conhecia Pellanda melhor do que ele mesmo, chegou o dia do tão esperado bate-papo. A professora Mareliz nos propôs mais um desafio: elaborar perguntas para o autor.

Esperei por esse dia com a mesma ansiedade de uma criança que vai ao circo. Mas, por ironia ou azar, uma gripe forte me derrubou bem na véspera. Lembro dos conselhos da minha mãe para que eu ficasse em casa. Teimosa, fui mesmo assim.

Na sala, ele perguntou: “Alguém aqui pensa em ser jornalista?”. Levantei a mão. Talvez você, leitor, espere que esse tenha sido o início de um diálogo profundo, um encontro de almas entre autora e leitor.

Mas eu estava gripada, sem voz e cheia de sintomas que vou poupar de descrever aqui.

Além dessa interação singela, tentei mais um contato: “Por que você escolheu ser jornalista?”. Acho que fiquei tão nervosa por conhecê-lo e também por me fazer entendida, dado as limitações na voz gripada, que não me lembro da resposta. Lembro que ele respondeu à pergunta com carinho, porque percebeu que eu o via como uma inspiração. Infelizmente ou felizmente, a resposta me escapou a memória.

Agora, aos 23, já colega de profissão de Luís, espero algum dia encontrá-lo e descobrir o porquê ele se encantou com a mesma profissão que eu — a falta de memória pode ser um novo convite ao acaso.

# DO GESTO À PALAVRA

Maria Fernanda Gonçalves

A partir de uma provocação de algum título da Editora Abril, parei para refletir por que havia escolhido a profissão de jornalista. Era algum tipo de concurso ou sorteio, quem sabe, para premiar e publicar as histórias mais interessantes. Apesar de achar a ideia da escrita do texto convidativa, não cheguei a esboçar nada para enviar à editora, ainda na época das cartas pelos Correios. Mas fiquei com a proposta na cabeça, até este momento, oportuno para falar sobre o assunto.

Tudo se tratava de comunicação, na transição da bailarina para a redatora. Percebi que a comunicação corporal, que até ali era o mais importante e o centro da minha vida, tinha passado por uma transição para a comunicação oral ou escrita.

Da infância à adolescência, a dança foi o que mais motivou a minha existência. Eram horas e horas de aulas e ensaios. Machucados nos pés, câimbras, luxações. O cuidado com o corpo, tendo que deixar de lado os doces; e brincadeiras e esportes que pudessem colocar em risco a saúde da musculatura. Mas tudo valia a pena, quando entrávamos no palco, sob as luzes, e o escuro da plateia, até o final das coreografias com os aplausos e as reverências.

Curitiba, São Paulo e Stuttgart foram os cenários dos meus passos de balé, que imagino estarão para sempre impressos na minha memória corporal e emocional. Tempo na música e movimento no espaço ficaram no passado, mas tudo isso foi transformado em letras, palavras e orações, com sua própria musicalidade, entoada com pontos e vírgulas em respiros.

O conhecimento da dança deu a oportunidade de escrever para cadernos culturais dos periódicos *O Estado do Paraná*, *Caderno G (Gazeta do Povo)*, no Paraná; *A Notícia* em Santa Catarina, cobrindo o Festival de Dança de Joinville; e mais recentemente na *Revista de Dança* (digital), com sede em São Paulo, para a qual eu fazia a cobertura da região Sul. A publicação pela qual tenho mais carinho foi o livro *Na Dança*, organizado pela diretora artística da Companhia de Dança de São Paulo, Inês Bogéa. Ali participei como editora, redatora e crítica, numa edição da Imprensa Oficial de São Paulo.

Na falta da dança, encontrei um refúgio no Yoga, que mexe com as articulações, faz torções na coluna, alongamentos e, principalmente, a meditação. Uma prática maravilhosa para encontrar equilíbrio para uma vida mais saudável. Preciso admitir que apesar de ter a vontade de voltar, não encontrei um caminho para lidar com a frustração e aceite de todas as limitações que vieram com o tempo...

# DISTRAÍDOS VENCEREMOS

Maria Helena Uyeda

“Distraídos venceremos”, disse o professor Zeca Fernandes comentando a famosa frase do poeta, escritor, músico, crítico literário, haikaista (escreve haikai), jornalista e professor Paulo Leminski.

Imediatamente me lembrei de uma passagem contada, muitas vezes, por Cláudio Seto, mangaká (quadrinhista do estilo mangá), artista plástico, jornalista, escritor, produtor cultural, fotógrafo, bonsaísta, cartunista, ilustrador e um dos maiores conhecedores da cultura japonesa no Brasil.

Tantas habilidades destes dois personagens nos deixam até atordoados, né? Mas, como dizia Pablo Picasso, o que conta não é o que o artista faz, mas sim aquilo que ele é. Não posso falar do Leminski, porque não o conheci pessoalmente. Mas sobre o Seto posso acrescentar que, além de ser tudo isso, era, acima de tudo, era um grande amigo de todos, humilde, um coração enorme, engraçado, tímido, e uma pessoa à frente do seu tempo.

Agora vamos à história: Seto costumava contar sempre, dando gargalhadas, a seguinte passagem:

Ele tinha sido indicado para receber, em São Paulo, um prêmio, como mestre de mangá. Os organizadores enviaram uma passagem de avião, para que fosse para a capital paulista um dia antes do evento. Mas, na data marcada, ele chegou atrasado no aeroporto, em São José dos Pinhais, e perdeu o voo. O pior é que a passagem tinha sido doada por patrocínio e não podia ser trocada.

Como precisava ir até São Paulo, pois já tinha confirmado sua presença na premiação, resolveu comprar uma passagem de ônibus

leito, que sairia naquela mesma noite. Pra variar, chegou na rodoviária de Curitiba atrasado e o ônibus leito já tinha saído, ou seja, perdeu a passagem novamente... Para sua sorte, tinha um ônibus extra saindo para São Paulo, logo em seguida. Comprou uma nova passagem e embarcou.

No meio do caminho, quando o ônibus fez a parada para o lanche, Seto desceu. Foi quando viu que um ônibus leito estacionado ao lado. Imediatamente pensou: “Sou um cara de sorte. O leito está aí. Vou viajar num banco mais confortável.”

Pegou sua mochila e falou para o motorista: “Ó perdi este leito, tenho a passagem, posso entrar?”. O motorista respondeu: “Pode entrar, está cheio de lugar, pode escolher o lugar que você quiser”.

Cansado, depois de tantas perdas no mesmo dia, Seto entrou no ônibus leito e dormiu. Na manhã seguinte, quando o ônibus parou na rodoviária, acordou, se espreguiçou e desceu. Para sua surpresa, estava, de novo... na rodoviária de Curitiba.... (Na parada não olhou direito o itinerário e, ao invés de pegar Curitiba-São Paulo, embarcou no ônibus São Paulo-Curitiba).

Foi no orelhão e ligou para a sua esposa, Mitsue, que atendeu falando: “Você já chegou em São Paulo?”. Teve que explicar que, apesar de ter viajado por horas, ainda estava em Curitiba ... Como era cedo e tinha um ônibus para São Paulo às 6 horas da manhã, voltou para o guichê da empresa, para comprar uma nova passagem. Na hora, o vendedor, que não tinha trocado de turno, comentou: “O senhor por acaso ...”. Ao que Seto respondeu rapidamente: “Não, não, eu não ....”. Entrou no ônibus e, desta vez, resolveu não sair na parada do lanche (até porque estava muito cansado de tantas horas de viagem).

Enfim, conseguiu chegar em São Paulo, próximo da hora do almoço. Como o evento era apenas à noite, foi para o hotel descansar, depois de tanta confusão... E, finalmente, pôde chegar na cerimônia, para receber o, literalmente, “tão suado” prêmio.

Amigo de Paulo Leminski desde a época da Grafipar, Seto contou sua fantástica viagem para chegar até São Paulo. Após ouvir a história, Leminski teria comentado: “distraídos venceremos”.

Seto costumava dizer, sempre rindo, que ele era um exemplo típico do bordão de Leminski.

E, “distraído”, Seto foi reconhecido como o introdutor do estilo mangá no Brasil (matéria do *Jornal Folha de S. Paulo*), escreveu e ilustrou vários livros, iniciou os matsuris (festivais) de Curitiba, editou jornais de comunidade japonesa de Curitiba, recebeu o título de Cidadão Honorário de Curitiba (em 2007). Faleceu em novembro de 2008 e continuou “vencendo” com o lançamento do livro *Bushido – Caminho do Guerreiro Semeador* (em 2009), sendo o personagem do documentário *O Samurai de Curitiba* (2009), se tornou nome de uma biblioteca e de um jardim de CMEI em Curitiba e de um espaço cultural em Guaiçara-SP (sua cidade natal) e tantas outras homenagens ...

Neste mundo em que se aprende que, para vencer, tem que ter foco, disciplina, organização, o clichê de Leminski e a vida de Seto nos mostram que podemos ter uma vida mais leve e menos preocupadas com os desafios da vida e ainda ser vitorioso.

# O PAPA MORREU

Adriana Tortato Tadra

“O papa morreu.”

Foi a primeira frase que ouvi quando acordei no dia 21 de abril de 2025. Levei alguns segundos para processar e entender a informação recebida de meu marido. E logo estava cercada por notícias nos canais de TV, sites e aplicativos sobre a morte do papa.

Mesmo não sendo católica praticante, acredito que essa é a expressão correta, o fato causou um certo impacto. Afinal, a figura de Francisco era muito conhecida e talvez ainda tenha restado em mim um pouco da consciência católica, já que atualmente me considero uma à toa em relação à religião.

Acho que devo explicar que fui batizada, fiz Primeira Comunhão e Crisma e até meus 17 anos ia à missa todos os domingos, junto com meus pais e irmãos. A igreja que frequentávamos era muito simples e aconchegante, tinha somente a imagem de Jesus Crucificado e algumas samambaias penduradas sobre o altar. Mas em um desses domingos veio a surpresa. No altar, havia mosaicos e estátuas de pedra sabão de Jesus e Maria – e, curiosamente, as samambaias haviam sumido. E no final da missa, no momento dos recados, o padre pediu que todos os fiéis colaborassem com cinco cruzeiros para pagar os mosaicos e as pedras.

Cruzeiros, sim! Estamos falando do ano de 1983. Meu lado rebelde apareceu. Como assim, cinco cruzeiros? Quem decidiu fazer as mudanças? Por que temos que pagar? Na época, era uma boa quantia e meu pai trabalhava bastante para receber seu salário. Esse episódio foi o primeiro que me fez questionar se devia continuar frequentando a igreja.

O segundo, foi que, após uma cirurgia no joelho, que me impedia de dobrar a perna, fui confessar e o padre queria porque queria que eu ajoelhasse, mesmo explicando a dificuldade em função da cirurgia. Como já estava meio chateada com a questão dos mosaicos e estátuas, essa situação foi a gota d'água. Acabei não confessando e não voltando mais à igreja. Na verdade, para nenhuma igreja ou religião.

E, às vezes, isso me faz passar por algumas situações constrangedoras, que me fazem parecer um ser alienígena, como no momento de preencher cadastro em um consultório médico. Já escutei: “Como assim, você não tem religião?”

Quando nas reuniões de família digo que não rezo e não peço nada para Deus, todos os olhares se voltam para mim e o clima fica estranho. Para quebrar o momento, brinco que Deus é muito ocupado, tem assuntos mais importantes.

E tem a clássica: “Mas em Deus, você acredita, não é?”. Faço cara de paisagem e segue o jogo.

Em algumas situações, explico que não sinto necessidade de seguir uma religião, que sigo minha vida baseada em princípios e valores que considero certos e importantes. Penso que, antes de religião, o caráter é o mais importante.

Na minha família procuramos conviver em harmonia com as diferentes crenças das pessoas. Respeito é tudo.

Meu filho uma vez me disse: “Quando crescer quero namorar uma mulher como você.” Levei um susto, como assim igual a mim? “É que você não segue nenhuma religião, mas respeita todas. É isso mãe.”

Ufa, que alívio.



## POSFÁCIO

### **CRÔNICAS MEMORIALISTAS NO DIVÃ, AO RÉ-DO-CHÃO**

Fabio Santiago

Ao ré-DO-CHÃO, estas crônicas, ora memorialistas, em tons confidenciais, ora testemunhos, em toadas jornalísticas, parecem deitar no divã.

De maneira íntima, traçam perfis, pequenas biografias líricas e testemunhais.

Encontro a morte espriada em boa parte das narrativas, seja em eventos do passado ou nos relatos autobiográficos, que nos carregam de mãos dadas na aventura da escrita sem amarras. Antônio Candido nos ensina que “a despreensão da crônica humaniza”.

As mortes e os mortos de muitos destes relatos trabalhados na Oficina de Jornalismo (crônicas, relatos, testemunhos e perfis), nos faz lembrar que este gênero está mais vivo do que imaginam os detratores.

A crônica costuma ser lembrada como um gênero menor, no entanto, é a mais livre expressão literária, ao lado da poesia. “Elas são irmãs”, nos diz Marcelino Freire.

Há também muita vida, rememorada, narrada com corações em chamas e prantos, nestas mortes.

Das existências partilhadas, é Cíntia Silva da Conceição quem nos revela a sua avó Antônia, que trazia consigo o sertão. Com ele

exercitou, na palavra falada aos netos e filhos, o seu refúgio de preciosas lembranças. Suas histórias contadas, seu sertão cantado, a vida e os costumes que não conseguiu deixar para trás. Por falar nisso, recordo as crônicas de costumes do jornalista, cronista e *flâneur*, Xico Sá, que mandou essa em uma oficina, “a crônica é o PF da literatura”, nosso prato feito de cada dia.

Há tantas vidas antes das mortes remexidas, nestas histórias de mães, tios, avós, filhas, pais, avôs, artistas...que povoam os textos.

Para Humberto Werneck, “a crônica é aquele momento em que você sente que o autor parece estar sentado com o leitor no meio-fio, em uma conversa. Lembra também que muita gente tem um cronista para chamar de seu”. Louize Karoline Lazzarim, ainda adolescente, através da professora de português, conhece a crônica e se encanta pelo gênero. Luis Henrique Pellanda é o autor escolhido pela docente para ser lido pelos alunos. Neste mergulho, ela descobre não apenas a paixão pela escrita, mas também encontra o jornalismo e um cronista para chamar de seu.

José Castello pontua que “nas fronteiras longínquas da literatura, ali onde os gêneros se esfumam, as certezas vacilam e os cânones se esfrelam, resiste a crônica”.

Acredito que caiba tudo na crônica. Este divã vai muito além do confessionário.

Entre galos e quintais, advogada de Capitu e a morte do Papa Francisco, distraídos venceremos. Mais uma vez a morte nos ronda, oremos.

Encontramos a “moça despirocada”, que viveu em goles fartos. Gesiane do Rocio Fontoura pergunta: me devo terapia? Talvez o exercício com a escrita possa ajudá-la na compreensão daquele tempo, que ainda ecoa em suas linhas bem traçadas.

O que falar do pai, na crônica de Sil Maltaca, que inventou uma origem indígena e transitou entre a realidade e a invenção. Ao fabular, rompeu a fronteira do real e plantou fantasias na cabeça da menina. O “índio turco” levou consigo a filha, para sonharem juntos.

José Carlos Fernandes, mestre que ministrou a Oficina, também não escapou do retrato jornalístico minucioso. Seus caminhos são revisitados por Lilian Miranda, na crônica perfil, relato homenagem, testemunho polaroid,

O caráter memorial nas narrativas é predominante, o passado cria vida no papel.

O que dizem, é verdade ou ficção? Estes segredos permanecerão bem guardados pelos cronistas, jornalistas e escritores,

A vida precede a irremediável morte, essa danada que inunda e liga as narrativas.

Nas memórias e nestes textos, as pessoas renascem e pulsam em cada parágrafo.

Recordo a novela de Jorge Amado, *A morte da morte de Quincas Berro D'água*. Nestas crônicas, elas vivem para de novo morrer.

Todo o material trabalhado na oficina não coube neste sobrevoos, por aqui, fixei parte dos apontamentos e impressões deste manancial de morte e vida.

As crônicas, relatos, perfis e testemunhos estão no divã, no confessionário, ao rés-do-chão, é deitar e rolar, na terapia das palavras.

Cabe ao leitor fixar as suas retinas na experiência íntima e pessoal da leitura.

# Ampliando Horizontes:

---

## Poesia e Ficção

[ampliandohorizontes.com.br](http://ampliandohorizontes.com.br)



## **Marcio Renato dos Santos**

O idealizador e coordenador pedagógico desta proposta também é escritor. Em 9 de agosto de 2025, ele autografou *A respeito de About*, o seu mais recente livro de contos, no Belvedere, sede da Academia Paranaense de Letras, em Curitiba, onde nasceu e vive. Também é autor de obras de não ficção, entre as quais, o *Dicionário amoroso de Curitiba* (2014). Já trabalhou no Departamento de Imprensa Oficial do Paraná, no Museu Oscar Niemeyer, na Biblioteca Pública do Paraná e atua como jornalista na TV Paraná Turismo.

## **Victor Augustus Graciotto Silva**

O coordenador e editor deste projeto é um paranaense nascido na região noroeste do Paraná, na Cidade Poesia, Paranavaí, e radicado desde 1995 em Curitiba. Graduado e Mestre em História pela UFPR, atuou como professor até idealizar, juntamente com Juliana Cristina Reinhardt, em 2010, a Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural, empresa responsável pela produção desta iniciativa. Entre outros títulos, é autor de *Benzedeiras* (2013), *Cervejarias de Curitiba* (2022) e *O skate no Paraná: cultura, identidade e patrimônio* (2023).

## **Juliana Cristina Reinhardt**

Também Zугueib Zaidan, é produtora cultural, curitibana, formada em Nutrição pela UFPR, com mestrado e doutorado em História pela mesma instituição. Foi professora universitária na Faculdade Evangélica, PUC e Faculdades Espírita. Atua em pesquisa e produção cultural, e é autora dos livros: *A Padaria América e o pão das gerações curitibanas* (2010); *Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade* (2012); *Entre Strudel, bolachas e stollen: receitas e memória* (2012); *Alemães, comida e identidade: uma tese ilustrada*

(2014); *Igreja alemã: Christuskirche, Igreja de Cristo* (2015); *Se essa rua fosse minha: Santa Felicidade e seus italianos* (2020); *Igreja Ortodoxa São Jorge: encontro dos árabes em Curitiba* (2022); e *Moça bonita não paga, mas também não leva: Feira Livre* (2023).

## **Carlos Machado**

Autor de 12 obras de ficção, e com experiência no segmento da educação, o paranaense Carlos Machado ministrou a oficina de contos do nosso projeto em 2025. Também músico, compositor e maratonista, Carlos define a sua literatura como uma busca pela narrativa-limite entre o lugar e o não lugar, o visível e a invisibilidade coletiva. “Uma tentativa de esticar a realidade ao extremo até que retorne como literatura”, explica o escritor que estreou em 2004 com a coletânea de contos *A voz do outro*, reeditada neste ano.

## **José Carlos Fernandes**

Curitibano, José Carlos Fernandes é um dos mais experientes jornalistas em atividade no Paraná. Fez história na reportagem, na edição e reinventou a crônica: escreveu mais de seiscentas, publicadas em um diário curitibano, na época, começo do século 21, com audiência e impacto na sociedade. É professor, pesquisador e extensionista de Jornalismo na UFPR, com foco em leitura, recepção e história da imprensa paranaense. Autor, entre outros títulos, do livro de crônicas *Na Brasília com a Ângelo* (2020) e *Um lugar chamado Cocaco* (2022).

## **Juarez Poletto**

Catarinense radicado em Curitiba, apaixonado pela literatura, Juarez Poletto esteve à frente de duas oficinas de poesia na quarta edição do Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção. Autor de dezenas de títulos, entre os quais os livros de poemas *Alma nos dedos* (1988), *Silhueta*

(1998), *Adverso* (2009); as narrativas de ficção *O anjo fatal* (1987), *Teia* (1988) e do ensaio *Vozes poéticas do mundo do trabalho* (2011). Ele é doutor em Estudos Literários, professor aposentado, com passagens pela PUCPR e UTFPR.

### **Simon Taylor**

Uma das façanhas deste curitibano é o álbum *Curitiba em Figurinhas*, com 400 figurinhas com desenhos que ele fez da capital do Paraná. *Meus cases de sucesso* (2013), *A caricatura da arquitetura* (2017), *A caricatura da arquitetura 2 – O desenho e a cidade* (2019) e *Curitiba em traço* (2023) são alguns dos livros do Simon, um dos fundadores do Urban Sketchers Curitiba, grupo de artistas que se reúne aos sábados para desenhar edificações e monumentos. Ele é o autor dos desenhos das capas de todos os livros deste projeto, desde o início.

### **Fabiano Vianna**

O nome desse artista curitibano, nascido em 1975, começou a chamar atenção em 2009, ano em que ele lançou a LAMA, uma revista de literatura. De lá para cá, o Fabiano vem escrevendo e desenhando uma história particular na capital do Paraná. É autor dos livros de contos *Quem costura quando Mirna costura* (2021) e *A inesperada gravidez da casa de lambrequim* (2023). Também é designer e ilustrador, com não poucas exposições no currículo. Em 2025, integrou o conselho editorial deste projeto.

### **Alvaro Posselt**

“Curitiba não nos poupa/Ontem tomei sorvete/Hoje tomo sopa”. Esse é um dos mais conhecidos haicais de Alvaro Posselt, poeta curitibano com 15 livros publicados, textos poéticos espalhados em muros e vitrais da capital do Paraná. Ele divulga voluntariamente o haicai em escolas

públicas há mais de 12 anos. Transformou a sua casa em um espaço cultural, a Casa Posselt, onde recebe escolas e o público em geral para oficinas, bate-papos e rodas de leitura. Faz parte do Coletivo Era uma vez e da Academia de Letras do Brasil.

### **Fabio Santiago**

Por anos, esse alagoano radicado em Curitiba era conhecido, mais que tudo, pela sua habilidade como repórter cinematográfico, e dezenas e dezenas de jornalistas dizem que ele produzia imagens poéticas. Fabio abandonou a comunicação para se dedicar integralmente à poesia. Integrante do conselho editorial deste projeto em 2025, já publicou os livros de poemas *Mar de Sombras* (2019), *Intramuros* (2020), *Versos Magros* (2021), *Cantos Temporais* (2022) e *Todo Verso é Vício* (2024), além da coletânea de crônicas *A marca do Vampiro* (2023). Fabio, de fato, é poeta.

### **Rita Cassitas**

A escritora, roteirista e gestora Rita Cassitas atuou, em 2025, no conselho editorial deste projeto. Ela é uma contadora de histórias contemporâneas. Os seus textos ficcionais e ensaios movimentam ideias em meio a memórias, ciências e imaginação. À frente da Academia Feminina de Letras do Paraná, é autora, entre outros títulos, dos romances *Riding* (2015) e *O menino que pedalava* (2016), e das coletâneas de ensaios *Sunday the game* (2013), *Sociedade Tecnológica* (2021) e *Conectados* (2025).

### **Cida Grecco**

Revisora, graduada em Letras pela UFPR, radcada em Curitiba há mais de 30 anos, é especialista em Múltiplas Leituras pela PUCPR e em Humanidades pela UEPG. Mestre em Linguística pela Unicamp. Professora apaixonada de Língua Portuguesa e Literatura na Rede Estadual, atua como revisora na Máquina de Escrever desde 2021 e neste

projeto desde sua primeira edição. Estreou seu primeiro fragmento de romance no Ampliando Horizontes. Aventura-se mais uma vez nesta edição com a publicação de uma crônica-perfil.

### **Elys Faria Bittencourt**

Graduada em Comunicação Social / Jornalismo na PUCPR em 1995, com experiência em revisão e edição de textos em livros didáticos, de assuntos gerais e em trabalhos acadêmicos. Parceira da Máquina de Escrever desde 2015.

### **Rafael Ferrer Kloss**

Designer gráfico, curitibano, nascido em 1980 é formado em Design Gráfico pela Universidade Tuiuti do Paraná. Com experiência em fechamentos de arquivos para impressão, trabalha em parceria com a Máquina de Escrever há mais de 13 anos na preparação e diagramação dos títulos da editora. Ilustrador, pescador e entusiasta da vida ao ar livre.

### **Clara Reinhardt Silva**

Fotógrafa e produtora de conteúdo, é curitibana e estudante de Design Gráfico da UFPR, atuando como ilustradora, diagramadora e UI/UX designer.

Curitiba, Novembro de 2025  
Impresso em papel  
Avena 70gr/m<sup>2</sup>  
Tipologia:  
EB Garamond, Noto  
Tiragem:  
1000 exemplares



[editoramaquinadeescrever.com.br](http://editoramaquinadeescrever.com.br)

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

**E**sse e os outros 2 livros que publicamos em 2025 materializam os processos das oficinas de criação que, pelo quarto ano consecutivo, oferecemos gratuitamente ao público interessado na cidade de Curitiba. Quem participa do nosso projeto tem acesso à experiência completa, da ideia inicial à escrita, incluindo a mentoria, até a sessão de autógrafos. Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção transforma sonhos em realidade, fomenta a economia criativa local ao contratar escritores, capista, designer, fotógrafa, gráfica, revisoras e movimenta a cena literária da capital do Paraná.



9 786587 517964